

Nós, docentes da UFSC

Relatório da pesquisa “Perfil da docência na UFSC (2019)”

Florianópolis, novembro de 2019

Realização:

Laboratório de Sociologia do Trabalho (Lastro)
Departamento de Sociologia e Ciência Política
Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Sindicato dos Professores das Universidades Federais de Santa Catarina (Apufsc)

Universidade Federal de Santa Catarina

Equipe:

Professor Eduardo Meditsch (Apufsc)

Professor Jacques Mick (Coordenação geral)

Professor Samuel Pantoja Lima

Luísa Meurer Tavares (Mestre em Sociologia Política/UFSC)

Rafael da Cunha Lara (Doutorando em Sociologia e Ciência Política/UFSC)

Sumário

Introdução e problemas de pesquisa	4
1. Opções metodológicas	6
1.1 Perfil da categoria	6
1.2 Do perfil e da representatividade dos/as respondentes	8
1.3 Do questionário e da coleta de dados	10
2. Resultados: docentes da ativa	12
2.1 Perfil sociodemográfico	12
2.2 Características do trabalho	18
2.3 Relações com a Apufsc	43
2.4 Hábitos de informação	57
3. Resultados: docentes na aposentadoria	60
3.1 Perfil sociodemográfico	61
3.2 Relações com a Apufsc	76
3.3 Hábitos de informação	94
4. Síntese dos resultados, agenda de pesquisa e considerações finais	98
Referências	107

Introdução e problemas de pesquisa

O que temos em comum, nós, docentes da UFSC? E o que nos diferencia? Quais as características do nosso trabalho? Que expectativas nutrimos em relação a ele e o quanto a docência nos satisfaz? O que pensamos do sindicato que nos representa? Qual o impacto dos ataques constantes à universidade na nossa vida e saúde? Como obtemos informações sobre os acontecimentos relevantes, no cotidiano?

Perguntas assim levaram o Sindicato dos Professores das Universidades Federais de Santa Catarina (Apufsc-Sindical) a solicitar ao Laboratório de Sociologia do Trabalho (Lastro) a realização de pesquisa de perfil dos/das docentes ativos/as e inativos/as da UFSC com vistas a orientar as políticas que a diretoria eleita em outubro de 2018 pretende desenvolver durante o restante de seu mandato.

As questões não têm apenas importância estratégica na conjuntura atual - em que um governo hostil à ciência ataca brutal e sistematicamente a universidade pública. Elas são relevantes porque o perfil da nossa categoria mudou, em pouco mais de uma década, sem que novos estudos sobre ela tenham sido realizados. O levantamento anterior sobre quem são, como vivem, o que pensam e em que condições trabalham os/as docentes da UFSC foi realizado em 2000, quase duas décadas atrás, pelo instituto Lupi e Associados (APUFSC, 2000). A equipe do Lastro acolheu o desafio e os resultados serão apresentados a seguir.

A pesquisa “Perfil da docência na UFSC (2019)” foi realizada entre março e outubro de 2019 com o objetivo geral de investigar o perfil sociodemográfico, político e do trabalho de docentes ativos e inativos da UFSC. Os objetivos específicos foram: identificar e comparar o perfil sociodemográfico dos/as docentes da ativa e em aposentadoria (gênero, raça, faixa etária, formação); analisar as percepções dos/as docentes da ativa sobre as condições de trabalho; apurar o nível de conhecimento dos/as respondentes em relação à Apufsc e mapear suas expectativas em relação à atuação da entidade; e identificar práticas de consumo de informação jornalística¹. Além disso, os dados de 2019 poderão ser comparados com os de 2000, e o contraste entre as duas pesquisas produzirá interessante balanço de continuidades e mudanças.

Nossa categoria, o conjunto de associados/as e não-associados/as à Apufsc-Sindical, soma um contingente de 4.141 pessoas. O sindicato dispõe de informações bastante completas sobre todos/as (incluindo nome, Siape e unidade de lotação). Além disso, toda a

¹ O plano original da pesquisa previa ainda identificar opiniões políticas dos/as respondentes. Não foi possível alcançar esse objetivo: com um questionário longo, o número de docentes que desistiram de responder ao bloco de perguntas sobre temas políticos e autoidentificação ideológica foi grande e comprometeu a representatividade da amostra.

categoria tem acesso regular à internet, utiliza as ferramentas básicas de comunicação digital – e-mail e internet – e recebe informações periódicas nos canais da universidade e do próprio sindicato. Diante de tais características, decidiu-se realizar uma enquete em rede (online survey) (BABBIE, 2016), com o objetivo de colher o maior número possível de respostas ao questionário, nesse universo de 4.141 pessoas. Obtivemos 943 respostas (22,8% da categoria). Foram 714 respondentes da ativa (28,6% do total) e 229 aposentados/as (14%). Os dados serão apresentados separadamente, em capítulos para cada segmento da categoria. O relatório está dividido em quatro capítulos, além desta introdução. No primeiro, detalhamos as opções metodológicas e comparamos o perfil dos respondentes aos dados disponíveis sobre a população pesquisada. No segundo e no terceiro, descrevemos as respostas, respectivamente, de docentes da ativa e de aposentados/as. O capítulo final apresenta uma síntese dos resultados e indicações para investigações complementares (entre elas, a comparação dos dados de 2019 com os de 2000).

Este relatório é eminentemente descritivo. As menções aos estudos sobre docência no ensino superior, em particular os de sociologia do trabalho ou das profissões, serão limitadas ao indispensável. Nos próximos anos, os dados serão utilizados pela equipe do Lastro e por outros pesquisadores em investigações complementares, nas quais a discussão dos resultados será aprofundada em diálogo com a bibliografia especializada. Uma versão sintética deste relatório descritivo será distribuída a colegas que, no instrumento de pesquisa, manifestaram interesse em ter acesso aos resultados do estudo.

Optamos por utilizar ocasionalmente a primeira pessoa do plural por duas razões. A mais óbvia é que os autores são também professores da UFSC e filiados à Apufsc-Sindical². A explicação menos explícita se revelará ao longo das próximas páginas: num contexto de forte individualismo e vulnerável a ataques de diversos tipos, a categoria não terá nenhuma chance de resistir aos efeitos da conjuntura adversa se não reencontrar modos coletivos de ação – se não conjugarmos o “nós” cada vez com mais força.

² A exceção é Rafael Lara, que é professor de ensino superior em outra instituição e, na UFSC, pesquisador do Lastro – está concluindo seu segundo doutorado com outra tese sobre a docência universitária.

1. Opções metodológicas

1.1 Perfil da categoria

Dados oficiais da UFSC fornecidos pela Prodegesp à Apufsc, em janeiro de 2019, indicam que a universidade tem 2.501 docentes na ativa e 1.640 docentes aposentados/as – sendo 2.381 ativos no ensino superior e 120 no ensino básico, técnico e tecnológico; 1.474 inativos no ensino superior e 166 no EBTT. Não obstante a expansão geográfica da UFSC, ocorrida a partir da última década, os docentes ativos no ensino superior concentram-se majoritariamente no Campus Florianópolis. No total, os docentes ativos do ensino superior da UFSC estão distribuídos em 11 Centros de Ensino e quatro *campi* no interior; as unidades que concentram maior quantidade de docentes são, respectivamente, o CTC (16%) e o CCS (15,5%), ambos em Florianópolis.

Entre docentes ativos/as do ensino superior, 41,1% são do sexo feminino e 58,9% do sexo masculino, percentuais que pouco mudam em relação a docentes inativos/as: 41,7% e 58,3% respectivamente. Já no ensino básico a proporção se altera: entre docentes ativos/as, 77,6% são do sexo feminino e 22,4% do sexo masculino, com ligeira alteração em relação a docentes inativos/as: 74,7% do sexo feminino e 25,3% do sexo masculino. Isso evidencia que o magistério na educação básica ainda é predominante feminino, enquanto que o magistério no ensino superior, em geral de maior prestígio social, é majoritariamente masculino. Considerando todos os docentes, ativos/as e inativos/as de ambos os níveis de ensino, 56,3% são do sexo masculino e 43,7% do sexo feminino.

No que se refere à faixa etária de docentes ativos/as, os dados disponíveis indicam uma predominância de docentes na faixa etária dos 31 a 35 anos (34% no ensino superior e 19% no ensino básico) e de 36 a 40 anos (23,1% no ensino superior e 21,6% no ensino básico). Entre docentes inativos/as, as faixas etárias predominantes são dos 66 aos 70 anos (26,3% no ensino superior e 33,7% no ensino básico) e dos 71 aos 75 anos (22% no ensino superior e 17,5% no ensino básico). Já no que se refere à idade de ingresso na carreira docente na UFSC, os indicadores são bastante semelhantes entre ativos e inativos, com 33,9% ingressando na carreira na faixa dos 31 aos 35 anos de idade e com 23% ingressando com 36 a 40 anos. No ensino básico também há uma semelhança na faixa de idade de ingresso na carreira na UFSC entre ativos/as e inativos/as. Todavia, nesse nível de ensino predominantemente o ingresso se dá ligeiramente mais cedo, se comparado ao ingresso no ensino superior: no ensino básico, 26,6% ingressaram na carreira com idade entre 26 e 30 anos e 25,2% com idade entre 31 e 35 anos.

Por fim, entre docentes ativos/as, o tempo de serviço a UFSC predominante é de 2 a 10 anos e apresentam os seguintes índices, tendo como referência o mês de janeiro de 2019: no ensino básico, 38,8% dos docentes têm entre 6 a 10 anos e 28,4% têm entre 2 a 5 anos de tempo de serviço; já no ensino superior, 32% dos docentes têm entre 2 a 5 anos e 23,8% têm entre 6 a 10 anos de tempo de serviço. Esses números demonstram que mais da metade dos/as docentes ativos/as da UFSC, no ensino superior e no ensino básico, foram contratados/as na última década.

No início de 2019, a Apufsc tinha 1.205 docentes da ativa sindicalizados/as (48% do total), sendo 1.164 de ensino superior e 41 de EBTT, e 1.431 aposentados/as (87% do total), sendo 1.313 de ensino superior e 118 de EBTT. Além desses, a Apufsc representa 29 docentes na ativa e 36 aposentados/as dos IFCs de Araquari e Camboriú, totalizando 2.701 sindicalizados/as. Os números conformam uma entidade representativa majoritariamente composta por aposentados/as. Embora o percentual de associados/as entre docentes na ativa seja relativamente elevado, eles estão concentrados em docentes com mais tempo de serviço e próximos da aposentadoria. A adesão recente ao sindicato esbarrou em obstáculos políticos, como a desmobilização da categoria e a disputa com outra entidade na mesma base sindical.

Tabela 1 - Distribuição dos/as docentes ativos/as da UFSC por sexo e cor/etnia

Item	Ensino superior	EBTT	Total
Sexo			
Masculino	1402	27	1492
Feminino	979	93	1072
Total	2381	120	2501
Cor/etnia			
Amarela	28	2	30
Branca	2002	103	2105
Indígena	3	0	3
Parda	97	4	101
Preta	24	2	26
NI	227	9	236
Total	2381	120	2501

Fonte: Relatório extraído do "DW"- UFSC (Nov/2018).

1.2 Do perfil e da representatividade dos/as respondentes

A pesquisa “Perfil da docência na UFSC (2019)” obteve 943 respostas, sendo 714 da ativa (28,6% de 2501 docentes) e 229 aposentados/as (14% de 1640 nessa condição). Apesar da taxa elevada de alcance da pesquisa junto a docentes da ativa, algumas características do grupo de respondentes são diferentes do conjunto da categoria, refletindo o viés de autosseleção inerente ao tipo de estudo aqui desenvolvido. Há presença maior de mulheres entre respondentes ativos/as e as taxas de participação dos sindicalizados no survey foram maiores do que a distribuição respectiva na categoria (seis pontos maior entre aposentados/as e 15 pontos entre ativos/as) (Tabela 2).

Tabela 2 - Distribuição dos respondentes e da categoria por sexo, raça-cor e condição de filiação à Apufsc

Característica	Ativos (pop)	Ativos (resp)	Apos. (pop)	Apos. (resp)
Mulheres	44%	48%	43%	46%
Homens	56%	52%	57%	54%
Branco/as	84,2%	88,3%	ND	93,4%
Negro/as*	5%	8,7%	ND	3,1%
Sindicalizados	48%	62,6%	87%	93%
Não-filiados	52%	37,3%	13%	7%

* Corresponde à soma das menções a pretos e pardos.

A distribuição de respondentes da ativa por unidade de ensino guarda pequenas diferenças em relação ao conjunto da categoria (Tabela 3). Docentes do Centro de Ciências da Educação (CED) tiveram participação significativamente mais elevada que nas demais unidades. Em cinco unidades, a distribuição nos dois grupos foi idêntica. Em três, a distribuição das respostas foi ligeiramente inferior à da categoria e nas demais, foi um pouco superior.

Tabela 3 - Distribuição de respondentes e da categoria por unidade de ensino

Unidade	Categoria (%)	Respondentes (%)
CTC	15	13
CCS	15	13
CCE	9	10
CFM	7	8
CFH	7	9
CCB	7	7
CED	6	10
CSE	6	7
EBTT	5	6
CCA	4	4
JOI	4	6
BLU	4	3
ARA	4	5
CURIT	3	3
CCJ	2	2
CDS	2	2

Tais características afetam a representatividade dos dados, já que a amostra não é inteiramente simétrica à população. As opções para ajuste a posteriori da amostra de respondentes às características da categoria (eliminação de respostas por sorteio aleatório ou ajuste do peso conforme as respostas relativas a local de trabalho) foram descartadas – a primeira afetaria a integridade dos dados qualitativos, o que poderia prejudicar a realização de objetivos do estudo; a segunda é inviável em função do volume de respostas (que, apesar disso, é significativo em relação ao tamanho da categoria). Em função dessas opções, os dados que serão apresentados nos próximos capítulos podem ter sofrido algum tipo de viés, pela autosseleção, principalmente pela sobrerrepresentação de filiados à Apufsc entre os/as respondentes.

1.3 Do questionário e da coleta de dados

O questionário foi dividido em cinco blocos, comportando os temas da investigação:

1. Perfil sociodemográfico da categoria;
2. Condições gerais de trabalho, incluindo a saúde;
3. Atuação e objetivos da Apufsc;
4. Práticas de consumo de informação; e
5. Opiniões e posicionamentos políticos.

Para formulação das questões, foram tomados como parâmetros outros estudos de perfil profissional (LIMA; MICK, 2013; LIMA; MICK, 2014), a pesquisa anterior de perfil dos professores da UFSC (APUFSC, 2000) e estudos especializados em consumo de informação (Ibope, 2016; GPSJor, 2017) e em pesquisa de opinião com temas políticos (MICK et al., 2015; Datafolha, 2019). Além disso, no que tange às condições de trabalho, o estudo conteve questões atinentes à investigação de doutoramento de Rafael da Cunha Lara a respeito do trabalho ubíquo (LARA, 2018). Três professores do Departamento de Sociologia e Ciência Política, não envolvidos diretamente com o estudo, enviaram sugestões para aperfeiçoar o questionário³. O instrumento foi alimentado na plataforma online SurveyMonkey, pré-testado com 30 professores convidados pela Apufsc e finalizado em 9 de agosto de 2019. Ao final da pesquisa o bloco sobre opiniões e posicionamentos políticos foi descartado, em função do baixo volume de respostas.

Foram gerados dois coletores diferentes, um embutido na página da Apufsc na internet e destinado aos sindicalizados (621 respostas), outro acessível por link aberto a não filiados (322 respostas). A coleta de dados deu-se entre 16 de agosto e 16 de setembro. A pesquisa foi amplamente divulgada por uma série de meios de comunicação combinados:

- a) nos canais próprios do Sindicato (boletim, jornal mural, mensagens de SMS e WhatsApp, rede social, email, cartaz e panfletos distribuídos nos escaninhos de docentes da ativa);
- b) nos canais da universidade (duas mensagens exclusivas sobre o tema enviadas por email para o conjunto dos professores, mais notícias publicadas no boletim diário “Divulga UFSC”).

³ A equipe de pesquisa agradece a Maria Soledad Etcheverry Orchard, Márcia Mazon e Ernesto Seidl.

Os convites enviados por e-mail ou mensagens foram reforçados uma ou duas vezes, dependendo do canal. Ao final da coleta de dados, a base foi saneada, com a eliminação de respostas duplicadas, inconsistentes e muito incompletas.

2. Resultados: docentes da ativa

O professor típico da UFSC em 2019 era um homem branco de 47 anos, que morava na região central de Florianópolis, dividia casa própria com cônjuge e filho/a e tinha plano de saúde. Cidadão de classe média, havia sido criado em uma família na qual pelo menos um dos pais tinha ensino superior completo. A seguir, apresentamos os dados obtidos junto a 714 docentes da ativa e que desenham o perfil sociodemográfico, as características do trabalho, os padrões de relação com a Apufsc e os hábitos de obtenção de informação desse grupo.

2.1 Perfil sociodemográfico

Os/as respondentes são majoritariamente homens (52%), embora o percentual de respostas de mulheres seja mais alto que no conjunto desse segmento da categoria (48% para 44% no total). A maior parcela de docentes tem entre 50 e 60 anos (31%) e 11% têm mais de 60. Entre os 40 e os 50 anos há 30% de respondentes. As gerações de professores mais jovens, com menos de 40 anos, somam 27% (Tabela 4).

Tabela 4 - Qual o ano de seu nascimento?

no	N	%
1942 - 1949	5	0,71
1950 - 1959	75	10,71
1960 - 1969	220	31,43
1970 - 1979	208	29,71
1980 - 1989	185	26,43
1990 - 1996	7	1,00
Respostas:	700	

Com relação ao tempo de serviço na UFSC, os dados entre os/as respondentes revelam um perfil predominante de docente em fase inicial de carreira na Universidade, ainda que muitos possam ter tido experiências anteriores em outros segmentos profissionais ou em outras IES. Estatisticamente, os dados de tempo de serviço entre os/as respondentes coadunam-se com os dados gerais fornecidos pela UFSC no início de 2019 para a composição desta pesquisa (Tabela 5).

Tabela 5. Há quantos anos trabalha na universidade?*

Anos	Respondentes		Geral	
	Qtde.	%	Qtde.	%
Mais de 35 anos	27	4,1	138	5,8
De 30 a 35 anos	19	2,9	81	3,4
De 25 a 29 anos	61	9,3	203	8,5
De 20 a 24 anos	61	9,3	223	9,4
De 15 a 19 anos	23	3,5	104	4,4
De 10 a 14 anos	67	10,3	240	10,1
De 5 a 9 anos	250	38,3	839	35,3
Menos de 5 anos	144	22,1	549	23,1

* Esses dados foram produzidos a partir das respostas à questão “Em que ano você ingressou na UFSC como docente?”

Esses números são coerentes com o fato de que houve uma expansão de vagas para o quadro de magistério superior da UFSC, sobretudo entre 2009 e 2014, após um período de decréscimo nas contratações entre o final dos anos de 1990 e início dos anos 2000.

As desigualdades de raça/cor características da sociedade brasileira se refletem na composição do corpo docente da UFSC. Declaram-se brancos/as 88% dos/as respondentes, enquanto 9% definem-se como negros/as (cor preta ou parda) e pouco mais de 1%, como amarelos/as ou indígenas (Tabela 6). As opções por outro modo de definir cor/raça são pouco numerosas e destacam miscigenação (“mestiço/a”, “brasileiro/a”) ou variantes de negação à questão (“não sei”, “prefiro não definir”, “qual a importância?”).

Tabela 6 - Como define sua cor/raça?

Opções	Respostas	
Branca	88,34%	629
Preta	1,69%	12
Parda	7,02%	50
Amarela	1,26%	9
Indígena	0,14%	1

Outra (Qual?)	1,54%	11
	Respostas	712
	Não-resp.	2

De modo coerente com as faixas etárias, prevalecem no grupo respondentes casados/as (52%) ou em união estável (18%). São solteiros/as 17%. Separados/as, divorciados/as ou viúvos/as somam 13% (Tabela 7).

Tabela 7 - Estado civil

Opções	Respostas	
Solteiro(a)	17,39%	124
Casado(a)	51,61%	368
Separado(a)	3,37%	24
Divorciado(a)	9,12%	65
Viúvo(a)	0,56%	4
Em união estável	17,95%	128
	Respostas	713
	Não-resp.	1

A presença de pessoas com deficiência ou limitação é muito baixa, inferior a 4% dos/as respondentes (Tabela 8). As pessoas nessa condição enfrentam restrições de mobilidade, visão ou audição, sobretudo.

Tabela 8 - Possui algum tipo de deficiência ou limitação?

Opções	Respostas	
Não	96,20%	684
Mobilidade	0,98%	7
Psicossocial	0,28%	2
Cego ou Baixa Visão	0,70%	5
Surdo ou Baixa Audição	0,70%	5
Outra (Qual?)	1,12%	8

	Respostas	711
	Não-resp.	3

Metade dos/as docentes têm ao menos um dos pais com ensino superior completo ou pós-graduação, enquanto em 18% dos casos a geração anterior não tem nenhuma formação ou tem apenas o fundamental incompleto (Tabela 9). Entre esses dois polos da mobilidade escolar intergeracional, 22% têm pais com ensino médio completo ou superior incompleto e 10% com fundamental completo ou ensino médio incompleto.

A escolaridade mais citada pelos/as respondentes como a maior entre seus pais é o ensino superior completo, resposta de quase um terço (31%). Somando-se o superior completo com os que possuem também pós-graduação (18,5%), metade dos/as 712 docentes afirma que ao menos um dos pais completou o ensino superior. A maior parte das demais respostas divide-se entre ensino médio completo, com 19%, e ensino fundamental incompleto, com 17,2%. Tanto o ensino médio quanto o ensino superior incompletos apresentam incidência baixa: 3,5% e 4%. Isso se inverte no ensino fundamental, em que a não conclusão dessa etapa escolar é mais alta que sua conclusão, totalizando 6,4%. Por fim, os pais de somente 4 respondentes (0,5%) não possuem nenhuma escolaridade.

Tabela 9 - Qual a escolaridade de seus pais (cite a maior)?

Opções	Respostas	
Pós-graduação	18,54%	132
Superior completo	31,04%	221
Superior incompleto	3,79%	27
Ensino médio completo	18,82%	134
Ensino médio incompleto	3,51%	25
Ensino fundamental completo	6,46%	46
Ensino fundamental incompleto	17,28%	123
Nenhuma	0,56%	4
	Respostas	712
	Não-resp.	2

Mais da metade dos/as respondentes (52%) reside atualmente na região central de Florianópolis, somando-se os bairros no entorno da universidade (Trindade, Serrinha,

Pantanal, Carvoeira, Córrego Grande, que concentram o maior número de docentes, 29,1%), Santa Mônica e Itacorubi (13%), Centro e Agronômica (10%) (Tabela 10). Um quarto (26%) mora no interior da Ilha (Sul, Norte e Leste); na região do Continente e Grande Florianópolis residem 6% dos/as docentes, enquanto que nos Campi do Interior (Araranguá, Blumenau, Curitiba e Joinville) estão 14,4% da categoria.

Tabela 10 - Onde mora atualmente?

Opções	Respostas	
	Florianópolis - Centro e Agronômica	9,66%
Florianópolis - Bairros do entorno da UFSC (Trindade, Serrinha, Pantanal, Carvoeira, Córrego Grande)	29,13%	208
Florianópolis - Santa Mônica e Itacorubi	13,03%	93
Florianópolis - Continente	2,94%	21
Florianópolis - Sul da Ilha	11,06%	79
Florianópolis - Leste da Ilha	5,18%	37
Florianópolis - Norte da Ilha	9,24%	66
São José	2,38%	17
Palhoça	0,56%	4
Biguaçu	0,14%	1
Araranguá	3,92%	28
Blumenau	2,10%	15
Curitiba	2,80%	20
Joinville	5,60%	40
Outra (Qual?)*	2,24%	16
	Respostas	714
	Não-resp.	0

* As respostas deste bloco repetem opções anteriores e mencionam ainda as cidades de São Paulo, Xavantina, Criciúma, Tubarão, Indaial e Canelinha. Há respondentes com mais de uma cidade de residência.

A maior parte dos/as respondentes, 75%, vive em casa de sua propriedade (ou do cônjuge). Alugam residências 24% dos/as docentes e 1% tem moradias cedidas. Apenas 19%

vivem sozinhos (Tabela 11). Moram com cônjuges ou companheiros/as 67% e 43% vivem com filhos/as (as opções não são excludentes). Metade dos que responderam “Outro”, sem perceber que a questão era de múltipla escolha, informou residir com cônjuge e filho(s)/a(s). Vivem com pais, amigos/as ou outros/as familiares 5%.

Tabela 11 - Atualmente, você mora: [Múltipla escolha]

Opções	Respostas	
Sozinho(a)	19,38%	138
Com cônjuge/companheiro(a)	66,99%	477
Com filhos(as)	42,56%	303
Com os pais	1,83%	13
Com outros familiares	2,25%	16
Com amigos(as)	1,12%	8
Outro (Qual?)	2,81%	20
	Respostas	712
	Não-resp.	2

Dos/as respondentes, 92% têm plano de saúde (Tabela 12). Especificamente, 77% integram o plano licitado pela UFSC junto à Unimed, 5% os planos oferecidos pela Apufsc (3% o da Agemed e 2% o da Unimed) e 11% têm outras modalidades. Neste grupo, igualmente prevalecem opções oferecidas pela rede de cooperativas Unimed, com 47 das 77 menções. Planos criados para atender a grupos sociais determinados respondem pela maior parte das outras menções: SC Saúde (6 menções), Cassi (5), Geap (3), outras versões da Agemed (4) e sete outros planos com menor número de citações. Seguros de saúde são pouco usados (há quatro usuários/as de Bradesco Saúde).

Tabela 12 - Você possui plano de saúde?

Opções	Respostas
---------------	------------------

Não	7,99%	57
Unimed UFSC	76,58%	546
Unimed Apufsc	1,82%	13
Agemed Apufsc	2,81%	20
Outro (Qual?)	10,80%	77
	Respostas	713
	Não-resp.	1

2.2 Características do trabalho

Como vimos na seção anterior, mais da metade dos/as docentes da UFSC reside na região central de Florianópolis, em bairros que distam menos de 10km da universidade. A maioria (29,1%) mora nos bairros contíguos ao Campus da Trindade (Trindade, Serrinha, Pantanal, Carvoeira, Córrego Grande), outros 13% residem nos bairros Santa Mônica e Itacorubi, enquanto cerca de 10% no Centro e Agrônômica. Apesar da proximidade, é predominante a escolha do carro próprio como forma de locomoção para o trabalho: 62% dos que selecionaram esse modal o utilizam com muita frequência, e 14%, com frequência – 76%, portanto (Tabela 13).

O contraste com as demais formas de transporte é considerável, o carro sendo a única opção que tem mais respostas com indicação de uso frequente do que o contrário. Chama atenção o baixo uso da bicicleta, que só perde para o táxi em números de docentes que nunca a utilizam, com 71% assinalando essa opção (mais de 80%, se acrescido do “raramente”). A proximidade da residência de boa parte dos/as docentes de seu local de trabalho os/as leva a ir a pé mais do que de bicicleta: 22,5% dizem caminhar até a UFSC com frequência ou com muita frequência, 11% assinalando essas opções para ônibus e então 8% para bicicleta. A carona não é hábito instituído (86,2% nunca ou raramente utilizam essa possibilidade), apesar de não ser prática completamente descartada: 10% dos docentes afirmam recorrer a carona ocasionalmente. Entre as opções de táxi e carro por aplicativo (Uber, Pop99, etc.), é bastante predominante a escolha dos aplicativos para trajetos ocasionais, 36,2% afirmando utilizá-los com muita frequência, com frequência e ocasionalmente (sendo “ocasionalmente” a maior escolha, com 27%), contra somente 5,11%

do táxi nas mesmas opções. Por fim, 13 menções foram feitas ao uso de motocicletas, opção não oferecida no questionário.

Tabela 13 - Com que frequência você utiliza esses meios de transporte para se locomover para o trabalho?

	Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Com frequência	Com muita frequência	Total	Média ponderada
Carro próprio	10,49%	7,67%	5,79%	14,08%	61,97%	639	4,09
Carro por aplicativos (Uber, Pop99 etc.)	31,05%	32,76%	27,81%	6,29%	2,10%	525	2,16
Carona	57,58%	28,69%	10,04%	2,66%	1,02%	488	1,61
Táxi	75,05%	19,84%	4,50%	0,41%	0,20%	489	1,31
Ônibus	54,03%	23,38%	11,98%	4,13%	6,48%	509	1,86
Bicicleta	70,78%	12,35%	8,82%	3,92%	4,12%	510	1,58
A pé	50,00%	12,59%	14,85%	8,46%	14,10%	532	2,24
Outro (Qual?)						17	
						Respostas: 655	
						Não-resp.: 59	

As tabelas a seguir expressam dados sobre o nosso regime de trabalho e tipos de atividades de trabalho que exercemos na universidade. O regime 40h/DE prevalece para a imensa maioria dos/as docentes (95,4%), seguido de 40h (2,6%) e 20h (2%) (Tabela 14). Resta inequívoca, portanto, a opção pela carreira docente.

Para mensurar os tipos de atividades de trabalho, formulamos uma questão de múltipla escolha (Tabela 15). Prevaecem as atividades de ensino para a graduação (92%), coerente com o regime 40h/DE. Num nível equivalente, os/as docentes responderam que realizam atividades de ensino na pós-graduação (58%), orientação – iniciação científica (56,4%), coordenação de projetos de pesquisa (58%) e orientação de pós-graduação (59%). São números que ajudam a manter a UFSC bem avaliada nos diferentes rankings de produção científica, no país e internacionalmente.

Destacam-se ainda as atividades de coordenação de projetos de extensão (44,4%), coordenação de laboratórios (33,5%), supervisão de estágio (30,2%) e atividades típicas de gestão com 23% (chefia e sub nos departamentos; coordenação e vice de cursos de graduação e pós-graduação).

Na questão aberta (“Outra(s)? Qual(is)?”), 123 colegas docentes (19% dos/as respondentes) descreveram um conjunto relevante de atividades dentre as quais registramos: Coordenação do Núcleo de Formação Continuada para Professores da Educação Básica, Coordenador de Extensão de Departamento, Coordenação de Trabalho de Conclusão de Curso (departamentos), Membro de Colegiado de Curso de Graduação e Pós-Graduação, Coordenação de Pesquisa do Departamento, Comissão de heteroidentificação/SAAF, Membro do Conselho de Ensino do Centro, Coordenador de Núcleo de Pesquisa (NuCiDH), Líder de grupo de pesquisa no CNPq, Diretor e Vice-Diretor de Centro, Coordenação de Programa de Formação, Direção do NDI, Supervisão do Programa de Monitoria Indígena e Quilombola, Coordenador de Subprojeto FINEP, Coordenador de Convênio Internacional e Representação Institucional em Conselhos - dentre outras.

Uma síntese dessas atividades diversas, realizadas por nós, no dia-a-dia, foi dada pela resposta qualitativa de um/a colega: *“Existem muitas atividades não contempladas aqui, como a redação de propostas de para editais de fomento, gestão financeira desses recursos, organização e participação em eventos, participação em bancas, comissões de para avaliação de processos etc.”*

Tabela 14 - Qual o seu regime de trabalho?

Opções	Respostas	
20 horas	1,98%	13
40 horas	2,60%	17
40 horas DE	95,42%	625
	Respostas	655
	Não-resp.	59

Tabela 15 - Atualmente, que tipos de atividades exerce na UFSC? (Múltipla escolha)

Opções	Respostas	
Ensino - educação básica	6,41%	42
Ensino - graduação	91,60%	600
Ensino - pós-graduação	57,71%	378
Orientação - iniciação científica	56,49%	370
Orientação - pós-graduação	58,63%	384
Membro de comitê editorial	22,14%	145
Editor(a) de revista científica	10,84%	71
Chefia ou sub-chefia de departamento, coordenação ou vice de cursos de graduação ou pós-graduação	22,75%	149
Membro de Conselhos Superiores	13,89%	91
Membro de NDE	34,50%	226
Coordenação de laboratório	33,59%	220
Coordenação de projetos de pesquisa	57,71%	378
Coordenação de projetos de extensão	44,43%	291
Coordenação de estágios	5,50%	36
Supervisão de estágios	30,23%	198
Coordenação de áreas da gestão universitária / escolar	3,66%	24
Outra(s). Qual(is)?	18,78%	123
	Respostas	655

	Não-resp.	59
--	------------------	-----------

Os dados anteriores permitem inferir, ainda, que os e as docentes da UFSC exercem uma multiplicidade de atividades inerentes à tríade ensino-pesquisa-extensão, que extrapolam o senso comum presente nos dispositivos discursivos da sociedade, comumente restrito à ideia de “dar aula”. Além disso, pelos percentuais de respostas, evidencia-se a sobreposição de atividades nem sempre contabilizadas na jornada de trabalho formal contratada.

Quando buscamos mensurar as horas trabalhadas excedentes às 40h semanais, um quadro de sobrecarga surgiu com clareza: quatro em cada cinco (79,5%) responderam que trabalham além da jornada prevista em seus contratos (ver Tabela 16). Apenas 20,5% dos/as docentes disseram trabalhar estritamente dentro da jornada legal prevista. O dado revela uma realidade preocupante (para dizer o mínimo) no que se refere aos indicadores de saúde no trabalho, considerando o efeito “bomba relógio” sobre a saúde física e mental dos/as trabalhadores/as. Tais percentuais soam coerentes com os dados sobre a multiplicidade de tarefas designadas às e aos docentes, e ainda pesam, sob esse aspecto, indícios de concomitância de intensificação do trabalho e sua extensificação para outros tempos e espaços.

Tabela 16 - Na UFSC, você trabalha por tempo superior à jornada semanal prevista em seu contrato?

Opções	Respostas	
	Sim, trabalho além da jornada prevista	79,5%
Não, meu limite é a jornada prevista	20,5%	133
	Respostas	649
	Não-resp.	65

Relacionados à diversidade de atividades e ao tempo necessário para sua consecução, foram mapeados, também, os espaços em que mais frequentemente são realizadas estas atividades, quando os/as colegas não estão em sala de aula. O espaço “Biblioteca” é aquele com a maior incidência (43,3%) de que nunca é utilizado como espaço de trabalho (Tabela 17). Inversamente, apenas 2,3% de respondentes afirmam que nunca realizam atividades em casa. O espaço “casa” é, a propósito, o local mais indicado, em termos absolutos, para a realização de atividades do trabalho quando não se está em sala de aula, com 640 menções entre os/as respondentes. Neste grupo de professores/as, quase 69%

realizam as atividades em casa, com frequência ou com muita frequência, o que permite observar que o trabalho formalmente contratado pela universidade tem adentrado espaços originalmente destinados a não trabalho. Se comparado o local “casa” com outros espaços de trabalho, como sala de professores, evidenciamos percentuais bastante semelhantes a respeito de onde as atividades são mais frequentemente realizadas pelos/as respondentes.

Curiosamente, são locais mais acessados para a realização das atividades do que outros espaços disponíveis na universidade, como laboratórios ou salas de grupos de pesquisa, o que pode ser explicado pelo fato de que nem todos/as estão vinculados a laboratórios ou grupos, mas também pode indicar que esses locais não reúnem as condições mais adequadas para a realização de algumas atividades, conforme justificado mais adiante.

Tabela 17 - Quando não está em sala de aula, com que frequência você costuma desenvolver atividades nos espaços abaixo?

	Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Com frequência	Com muita frequência	Total	Média ponderada
Sala de professores	12,62%	8,20%	10,57%	24,45%	44,16%	634	3,79
Laboratório	23,46%	13,18%	17,98%	24,66%	20,72%	584	3,06
Sala do grupo de pesquisa	29,76%	11,42%	18,69%	26,30%	13,84%	578	2,83
Biblioteca	43,33%	34,84%	18,54%	2,95%	0,35%	577	1,82
Em casa	2,34%	9,38%	19,84%	33,75%	34,69%	640	3,89
Outros espaços	25,12%	24,17%	26,07%	15,17%	9,48%	422	2,6
						Respostas: 655	
						Não-resp.: 59	

A respeito, ainda, dos locais onde mais frequentemente os/as professores/as realizam as atividades, foram indagados os motivos pelos quais frequentemente o trabalho é realizado em casa. O motivo mais recorrente, citado por 70% entre os/as respondentes, é o de que, em casa, sofrem menos interrupções no trabalho (Tabela 18). *“Na Universidade somos interrompidos o tempo todo e as condições para produção intelectual ficam comprometidas”*, destacou um/a docente.

Questões de infraestrutura também são motivos relevantes: quando comparam os recursos domésticos com os disponíveis na UFSC para a realização das atividades, parcelas significativas dos docentes preferem suas casas em termos de espaço físico e mobiliário (37,6%), acústica (27,3%) e tecnologias (25,1%) mais adequados. Alguns respondentes observam que, na universidade, não dispõem de bibliografia especializada em seus temas de pesquisa, o que os leva a recorrer à biblioteca pessoal.

Também é importante, para um a cada três docentes, a possibilidade de coordenar e/ou conciliar o trabalho com as atividades domésticas. Esse é um importante indicador sobre vida e trabalho de professores e professoras da UFSC, pois dá indícios de que compromissos domésticos são preocupações que coexistem com os compromissos profissionais e, cada vez mais, passam a coabitar nos espaços domésticos. Ao mesmo tempo, esse dado também é relevante, à medida que 20,8% dos e das colegas respondentes explicitam outros motivos (de modo espontâneo) pelos quais realizam com frequência atividades do trabalho em casa. Entre eles, evidenciam-se menções à necessidade de dar conta de prazos e demandas e às práticas de prolongar tempos de trabalho (noites e fins de semana) como estratégias de enfrentamento ao acúmulo de atividades concentradas durante o expediente, o que reforça os indícios de sobreposição de prolongamento de tempos e de espaços de trabalho para além daqueles formalmente contratados. *“Trabalho diariamente até às 23h ou 24h, para tentar dar conta de tantas demandas, e trabalho comumente também nos finais de semana em casa e feriados. É muito raro o final de semana e feriados em que eu não trabalhe, pois sempre há demandas para dar conta”*, escreveu um/a respondente.

Esse conjunto de respostas configura uma situação bastante preocupante, uma vez que, em ampla maioria, nós trabalhamos mais que a jornada contratada para dar conta de uma agenda de responsabilidades imensa, que combina atribuições burocráticas não-especializadas (um sem-fim de miudezas) a trabalho intelectual exigente e estafante. Multitarefas, com jornada extensa e intensa, invadindo o espaço doméstico, nós ainda nos sobrecarregamos de trabalho voluntário em associações e redes de pesquisa.

Tabela 18 - Caso realize atividades de trabalho frequentemente em casa, selecione o(s) motivo(s):

Opções	Respostas	
	Não trabalha em casa	9,87%
Dificuldade de deslocamentos para a UFSC	13,79%	88
Melhor acesso a equipamentos/tecnologias	25,08%	160
Espaço físico e mobiliário mais adequado	37,62%	240
Acústica mais adequada	27,27%	174
Menos interrupções no trabalho	69,75%	445
Menos custos com transporte/alimentação	23,98%	153
Possibilidade de coordenar trabalho e compromissos domésticos	33,54%	214
Outro (Qual?)	20,85%	133
	Respostas	638
	Não-resp.	76

Em que pese as dificuldades inerentes aos tempos e espaços de trabalho e as menções que dão indícios de intensificação do trabalho, no geral os/as colegas professores e professoras da UFSC indicam estar satisfeitos/as com a maioria dos aspectos do seu trabalho na Universidade. Em especial, destacam-se aqueles itens que estão no cerne da identidade profissional docente, como remuneração, plano de carreira, qualidade de vida, experiência de trabalho e relações interpessoais (Tabela 19).

Tabela 19 - Qual o seu grau de satisfação com os seguintes aspectos do seu trabalho?

	Não sei/ não se aplica	Muito insatisfeito	Insatisfeito	Nem satisfeito, nem insatisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito	Total	Peso médio
Experiência de trabalho	2,03%	2,50%	2,97%	8,59%	58,91%	25,00%	640	3,95
Plano de carreira	1,38%	3,84%	15,82%	28,26%	43,93%	6,76%	651	3,3
Remuneração	0,00%	4,02%	21,02%	21,02%	47,91%	6,03%	647	3,31
Acesso à creche	77,60%	9,78%	6,47%	3,00%	2,37%	0,79%	634	0,45
Possibilidade de formação continuada	7,75%	4,34%	15,81%	26,98%	36,90%	8,22%	645	3,06
Prestígio social	9,08%	7,23%	11,69%	32,46%	34,31%	5,23%	650	2,91
Qualidade de vida	0,46%	3,85%	18,31%	23,08%	44,77%	9,54%	650	3,36
Carga/volume de trabalho	0,00%	14,92%	35,69%	21,38%	26,00%	2,00%	650	2,64
Espaços físicos e infraestrutura de trabalho (salas de professores, salas de aula, bibliotecas e laboratórios)	0,31%	15,51%	37,33%	19,97%	24,73%	2,15%	651	2,6
Espaços físicos e infraestrutura complementar (estacionamento, restaurante/lanchonetes e outros espaços da universidade)	0,92%	15,18%	36,81%	23,01%	22,70%	1,38%	652	2,56
Relações interpessoais com estudantes	0,16%	1,24%	2,95%	12,56%	60,31%	22,79%	645	4
Relações interpessoais com colegas de trabalho	0,00%	4,64%	9,74%	21,95%	51,93%	11,75%	647	3,56
Relações interpessoais com chefias e integrantes de instâncias superiores	0,15%	3,69%	7,23%	20,62%	56,31%	12,00%	650	3,65

Quantidade de estudantes por turma	0,15%	2,14%	12,25%	19,91%	58,04%	7,50%	653	3,56
Quantidade de orientandos	10,25%	0,47%	9,78%	16,46%	56,06%	6,99%	644	3,29
Recursos para pesquisa e extensão	5,11%	37,77%	39,01%	12,54%	4,49%	1,08%	646	1,77
Recursos para visitas técnicas e ida a campo com os estudantes	30,75%	30,12%	25,78%	10,56%	2,64%	0,16%	644	1,25
Apoio administrativo	0,92%	14,18%	22,65%	29,43%	29,58%	3,24%	649	2,82
Burocracia e rotina universitária	1,24%	35,14%	35,76%	21,52%	6,04%	0,31%	646	1,97
Realização plena de sua capacidade intelectual	0,92%	7,69%	30,92%	25,08%	28,62%	6,77%	650	2,93
							Respostas: 653	
							Não-resp.: 61	

Chamamos a atenção para os aspectos do trabalho considerados muito satisfatórios por um número maior de respondentes: experiência de trabalho (25%) e relações interpessoais com estudantes (22,8%). Inversamente, os aspectos muito insatisfatórios do trabalho, com maior incidência de resposta, giram em torno da disponibilidade de recursos para pesquisa e extensão (37,8%), da burocracia e rotina universitária (35,1%) e da disponibilidade de recursos para visitas técnicas ou ida a campo com os estudantes (30,1%).

Somadas as incidências das frequências “insatisfeito” e “muito insatisfeito”, estes também são os aspectos do trabalho na UFSC que mais geram insatisfação entre colegas docentes: a disponibilidade de recursos para pesquisa e extensão (76,8%), a burocracia e a rotina universitária (71%) e a disponibilidade de recursos para visitas técnicas ou ida a campo com os estudantes (55,9%). Seguem-se a esses aspectos outros que também geram grande insatisfação, e que são importantes na rotina de trabalho: os espaços físicos e a infraestrutura disponível na universidade para a realização do trabalho (52,8%), os espaços físicos e a infraestrutura complementar da universidade, como lanchonetes, restaurantes e estacionamentos (52%) e a carga/volume de trabalho (50,6%). Em conjunto, esses dados revelam nuances de precarização da universidade pública, em contraste com suas potencialidades.

Por outro lado, somadas as incidências das frequências “satisfeito” e “muito satisfeito”, os aspectos do trabalho na UFSC considerados mais satisfatórios por professores/as são, respectivamente, a experiência de trabalho (83,9%), as relações interpessoais com estudantes (83,1%), as relações interpessoais com chefias e integrantes de instâncias superiores (68,3%), a quantidade de estudantes por turma (65,5%), e as relações interpessoais com colegas de trabalho (63,6%). Esses aspectos dizem respeito à importância das relações humanas para as atividades que se realiza.

Por fim, os dados permitem inferir que questões sobre prestígio social já não são determinantes para o grau de satisfação de professores/as da UFSC, e que no tange à realização plena da capacidade intelectual, os índices são bastante heterogêneos entre aqueles/as que se consideram satisfeitos e insatisfeitos. Isso nos permite indagar se o volume de trabalho, relacionado à burocracia e a multiplicidade de tarefas de cunho administrativo, não estão tolhendo as plenas capacidades intelectuais dos e das docentes da Universidade na realização de sua atividade-fim, a saber, o ensino, a pesquisa e a extensão.

O próximo segmento da pesquisa diz respeito às condições de saúde e bem-estar dos e das docentes da UFSC. Alguns dados indicam uma situação bastante preocupante, que justifica investigação mais específica sobre saúde laboral na universidade, de natureza quanti e qualitativa.

No que se refere às condições de saúde mental, quase 2/3 (63,8%) dos/as colegas docentes afirmam que se sentem estressados no trabalho, embora apenas 35,5% tenham

recebido diagnóstico médico de estresse (Tabela 20). Quase um em cada cinco (17,1%) dos respondentes já foram diagnosticados com algum transtorno psicológico relacionado ao trabalho. Estes são índices alarmantes, que podem estar associados ao ritmo, ao volume e à intensidade do trabalho e requerem atenção institucional da universidade – haja vista o adoecimento docente, a necessidade de cuidado com as pessoas, bem como as consequências desse adoecimento, como o afastamento do trabalho por motivo de doença relacionada às atividades laborais, que já alcançou 12,7% da amostra de respondentes. Além das questões relacionadas à saúde mental, 20,1% dos professores e professoras participantes da pesquisa confirmam que já receberam diagnóstico de LER e/ou DORT.

Outro importante fator relacionado ao trabalho docente diz respeito às formas de reconhecimento, valorização ou, por outro lado, assédio – indicadores que incidem sobre o bem-estar no trabalho. Acerca destes aspectos, a maioria dos/as docentes participantes da pesquisa (54,6%) considera que seus esforços não são devidamente reconhecidos. E 20,2% consideram que já foram discriminados em termos de oportunidades de ascensão profissional.

Com relação a assédios, os dados são igualmente muito preocupantes: no que se refere a práticas de assédio moral, a maioria dos e das professoras (53,6%) afirma já ter presenciado situações de assédio moral no trabalho; e outros/as 35,2% acreditam que já foram constrangidos/as a tal ponto que este constrangimento pode ser considerado como assédio moral. Igualmente importantes são os dados a respeito de assédio sexual no trabalho, em que quase 15% dos e das docentes afirmam já ter presenciado alguma situação do tipo. E ainda: 31 docentes (cerca de 5,0%) registraram já ter sofrido assédio sexual no trabalho.

Tabela 20 - Resposta SIM ou NÃO às questões a seguir:

	Sim		Não		Total	Média ponderada
Você se sente estressado no trabalho?	63,78%	412	36,22%	234	646	1,36
Você já foi diagnosticado com estresse?	35,50%	229	64,50%	416	645	1,64
Você já foi diagnosticado com algum transtorno psicológico relacionado ao trabalho?	17,13%	112	82,87%	542	654	1,83
Você já foi diagnosticado com algum sintoma de LER/DORT?	20,86%	136	79,14%	516	652	1,79

Você já teve afastamentos do trabalho motivados por doença relacionada ao trabalho?	12,69%	83	87,31%	571	654	1,87
Você considera que seus esforços no trabalho são devidamente reconhecidos?	45,38%	295	54,62%	355	650	1,55
Você se considera de algum modo discriminado em suas oportunidades de ascensão profissional?	20,25%	132	79,75%	520	652	1,8
Você já presenciou alguma situação de assédio moral no trabalho?	53,62%	348	46,38%	301	649	1,46
Você já foi constrangido no trabalho, a ponto de acreditar que era assédio moral?	35,23%	229	64,77%	421	650	1,65
Você já presenciou alguma situação de assédio sexual no trabalho?	14,55%	95	85,45%	558	653	1,85
Você já sofreu assédio sexual no trabalho?	4,75%	31	95,25%	621	652	1,95
				Respostas	654	
				Não-resp.	60	

Mais da metade dos/as respondentes (cerca de 60%) afirma ter como hábito a prática frequente de atividades físicas (Tabela 21), sendo que 47,32% as realizam entre duas e três vezes por semana e, 12,56%, mais de quatro vezes por semana. Os percentuais diminuem em direção às menores regularidades: 20,67% entre os/as docentes afirmam se exercitar até uma vez por semana, 13,78% menos de uma vez por semana, e apenas 5,67% dizem nunca praticar atividades físicas.

Tabela 21 - Com que frequência você realiza atividade física?

Opções	Respostas	
Nunca	5,67%	37
Raramente (menos de uma vez por semana)	13,78%	90
Ocasionalmente (até uma vez por semana)	20,67%	135
Com frequência (entre duas a três vezes por semana)	47,32%	309
Com muita frequência (mais de quatro vezes por semana)	12,56%	82
	Respostas	653
	Não-resp.	61

Detalharam as atividades físicas que praticam 612 respondentes. As mais frequentes são: caminhada (217 menções), musculação ou academia (160), pilates (138), corrida (68), bicicleta (49), natação (48) e ioga (34). Muitos/as colegas realizam mais de uma atividade física regularmente – e a combinação de caminhada e musculação é típica.

Por sua vez, os dados sobre convívio social atestam que, predominantemente, há menor tendência de convívio com colegas da UFSC fora do ambiente de trabalho do que o contrário (Tabela 22).

Tabela 22 - Com que frequência você convive socialmente com colegas da UFSC fora do ambiente de trabalho?

Opções	Respostas	
Nunca	5,21%	34
Raramente	30,47%	199
Ocasionalmente	42,73%	279
Com frequência	18,22%	119
Com muita frequência	3,37%	22
	Respostas	653
	Não-resp.	61

Por fim, no que se refere às relações entre bem-estar, lazer e trabalho, os/as docentes participantes da pesquisa foram indagados/as sobre as atividades que mais realizam fora do seu horário de trabalho. E, embora ocasionalmente sejam realizadas atividades artísticas e culturais, viagens, passeios e idas a bares e restaurantes, a forma de lazer preponderante é

a de entretenimento em casa (realizada com muita frequência por 20,1% dos/as participantes). Todavia, as atividades realizadas com mais frequência por professores e professoras da UFSC fora de seu horário de trabalho não são atividades de lazer, mas de trabalho: afazeres domésticos (36,2%); estudos relacionados à atividade profissional; trabalho acumulado da universidade e outras atividades relacionadas à profissão, como elaboração de projetos, pareceres ou relatórios (Tabela 23).

Comparados com dados sobre condições de saúde, volume de trabalho e multiplicidade de atividades, estes indicadores reiteram a dinâmica de precarização do trabalho docente na UFSC, que repercute diretamente nas condições de saúde e bem-estar dos professores e das professoras.

Tabela 23 - Com que frequência você se dedica às atividades abaixo fora do horário de trabalho?

	Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Com frequência	Com muita frequência	Total	Média ponderada
Atividades artísticas e culturais	3,83%	21,93%	49,69%	22,24%	2,30%	652	2,97
Projetos sociais ou trabalho voluntário	37,33%	35,94%	18,13%	5,99%	2,61%	651	2,01
Ação política (associações, movimentos ou partidos)	47,24%	23,62%	17,94%	9,05%	2,15%	652	1,95
Viagens e passeios	0,92%	13,32%	49,00%	32,31%	4,44%	653	3,26
Bares, restaurantes e confraternização com familiares / amigos	0,77%	16,59%	44,85%	31,95%	5,84%	651	3,25
Entretenimento e lazer em casa	0,15%	4,75%	21,59%	52,53%	20,98%	653	3,89
Afazeres domésticos	0,61%	2,15%	11,67%	49,31%	36,25%	651	4,18
Trabalho acumulado da universidade	1,38%	6,61%	18,59%	37,33%	36,10%	651	4
Estudos relacionados à atividade profissional	1,23%	6,58%	20,52%	39,51%	32,16%	653	3,95
Atividades relacionadas à atuação profissional (projetos, pesquisa, pareceres, relatórios)	1,53%	4,44%	18,53%	39,36%	36,14%	653	4,04
Outra profissão e/ou atividade profissional	80,66%	8,89%	4,37%	3,59%	2,50%	641	1,38
						Respostas: 653	
						Não-resp.: 61	

A inserção de tecnologias digitais e móveis no cotidiano social tem repercutido de diferentes modos em aspectos relacionados à saúde, ao bem-estar, à qualidade de vida e de trabalho. A respeito dos modos como essas tecnologias afetam tempos e espaços da vida (Tabela 24), a maioria dos e das docentes concordam que passaram a ser multitarefas, realizando mais de uma atividade ao mesmo tempo (83,3%) e que passaram a trabalhar a mais, no mesmo período de tempo do que antes (74,8%). Um dos aspectos que mais sofreu alterações é aquele relacionado às interrupções de atividades e às requisições (para 86,7% dos/as participantes) de demandas que passaram a chegar, a qualquer instante, via dispositivos digitais e móveis. Tais prática comunicacionais têm levado a interrupções de momentos de lazer (para 75,5% dos/as participantes) a fim de atender às demandas que chegam pela via desses dispositivos, o que faz com que 80,7% dos/as docentes considere que não há mais uma separação entre tempos e espaços de trabalho e de lazer.

Tabela 24 - Qual a sua avaliação a respeito do modo como as tecnologias digitais e móveis afetam os seus tempos e espaços de vida?

	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Nem discordo, nem concordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente	Não se aplica	Total	Média ponderada
Realizo mais de uma atividade ao mesmo tempo.	3,68%	4,45%	7,36%	33,44%	49,85%	1,23%	652	4,23
Trabalho a mais no mesmo período de tempo que antes.	1,53%	6,13%	15,49%	28,22%	46,63%	1,99%	652	4,15
Sou requisitado/a mais vezes a qualquer instante via dispositivos móveis.	1,84%	4,45%	5,98%	18,56%	68,10%	1,07%	652	4,48
Interrompo momentos de lazer e descanso para atender demandas que chegam via dispositivos digitais.	5,21%	12,27%	6,29%	32,21%	43,25%	0,77%	652	3,97
Com o uso de dispositivos digitais e móveis, há uma separação mais clara entre tempos e espaços de trabalho e de não trabalho.	59,51%	21,17%	8,74%	5,52%	4,45%	0,61%	652	1,73
A economia de tempo significa ganho de tempo livre para mim.	27,69%	23,54%	17,23%	19,08%	11,08%	1,38%	650	2,62
							Respostas: 653	
							Não-resp.: 61	

A última pergunta deste segmento do questionário indagava quais aspectos mais preocupam os/as colegas docentes no tocante à carreira universitária e/ou ao seu trabalho como professor/a. Um total de 613 docentes da ativa responderam à pergunta.

Tratava-se de questão aberta, cujas respostas receberam dois tipos de tratamento: elas foram submetidas a análise lexical, para mapeamento da nuvem de palavras e identificação das expressões mais frequentes; depois, foram reagrupadas por semelhança temática.

A nuvem de palavras que emerge das 613 respostas deixa claro que é de uma imensa falta que se trata (Figura 1). As expressões mais frequentes (grupos de três palavras formando expressões com sentido) são: falta de recursos; futuro da universidade; condições de trabalho; plano de carreira; recursos para pesquisa; falta de perspectiva; reforma da previdência; e falta de verbas. Eliminando-se preposições, as expressões mais frequentes são: futuro universidade pública; situação política país; ensino pesquisa extensão; falta recursos pesquisa; desmonte universidade pública.

De fato, a situação política do país ameaça o futuro da universidade pública, no tripé que caracteriza sua existência (ensino, pesquisa e extensão). A falta de recursos, em particular para a pesquisa, é o sinal mais evidente do desmonte da universidade pública.

Figura 1 - Nuvem de palavras sobre aspectos que mais preocupam os/as colegas docentes no tocante à carreira universitária e/ou ao seu trabalho como professor/a



A análise qualitativa das respostas permite evidenciar uma preocupação crescente em vários âmbitos. Cerca de 2/3 das 612 respostas puderam ser categorizados em mais de uma dimensão e, embora algumas respostas se limitem a preocupações individuais, a maior

frequência das ocorrências revela uma preocupação com os riscos futuros da carreira de professor/a universitário/a no país, e com os riscos presentes no que diz respeito ao desmonte da educação superior pública, com os cortes orçamentários, ameaças de privatização da universidade pública e suas consequências sociais.

O quadro a seguir apresenta as principais ocorrências categorizadas a partir do que os/as colegas professores/as redigiram em suas respostas.

Quadro 1 - Principais ocorrências, aspectos do trabalho/carreira mais preocupantes

Dimensão	N
Carreira docente, progressão, salário e aposentadoria	155
Financiamento da educação pública / cortes	108
Volume ou condições de trabalho	99
Insegurança / incerteza diante da conjuntura política	87
Desvalorização / sucateamento / desmonte da educação	74
Estratégias de privatização da universidade pública	47
Valorização da identidade docente / pesquisador(a)	36
Políticas do atual governo federal	30
Comprometimento / engajamento dos estudantes	23
Infraestrutura precária	22
Cerceamento da liberdade	21
Burocracia universitária	17
Instabilidade (em vários aspectos)	14
Ataque à ciência e pesquisa	13
Relacionamento interpessoal / com colegas	11
Condições de saúde decorrente do trabalho	10
Condições de estudo / bolsas / permanência para alunos	9
Impossibilidades de atualização / formação profissional	9
Comprometimento dos pares / mobilização coletiva	8
Gestão universitária (departamento, campus, reitoria)	8

Perda da autonomia universitária	8
Perda da saúde mental	8
Partidarização / ideologias na universidade	7
Sensação de impotência com a situação da universidade e da ciência	5
Desvalorização / invisibilidade da Educação Básica	4
Saúde mental dos estudantes	4
Democracia ameaçada	3
Evasão dos alunos	3
Prática docente e estratégias de ensino	2

No que diz respeito à carreira profissional, em questões ligadas a perdas de direitos, perdas salariais, progressão, aumento de tempo para aposentadoria (155 ocorrências), alguns depoimentos ilustram o que tem mais preocupado os/as docentes participantes da pesquisa:

- *“Fim da universidade; ameaças à carreira docente; fim da aposentadoria; falta de perspectiva na profissão; corte de bolsas e auxílios; desvalorização da categoria”* (Prof. 491).
- *“Direitos trabalhistas conquistados, aposentadoria e incertezas quanto ao destino das universidades e em especial aos Colégios de Aplicação”* (Prof. 394).
- *“A perspectiva de continuidades da vida universitária para as futuras gerações e as condições de aposentadoria”* (Prof. 354).
- *“As consequências do grave momento político, econômico e institucional: o processo de contínuas perdas de conquistas educacionais, sociais e trabalhistas; os cortes orçamentários; o desmonte das instituições de apoio à pesquisa e ao ensino; o iminente processo de privatização das universidades públicas; a perda da autonomia universitária; o avanço de ações autoritárias e persecutórias; etc.”* (Prof. 454).
- *“O futuro da UFSC e da carreira docente com as medidas do atual governo federal”* (Prof. 177).

A segunda maior incidência de respostas da pesquisa foi categorizada como preocupações no tocante ao financiamento da educação pública, em especial da pesquisa, com as políticas de cortes e contingenciamentos orçamentários colocados em marcha atualmente, e suas repercussões futuras.

- *“A manutenção do funcionamento da universidade com excelência, dadas as dificuldades orçamentárias e de avaliação sobre o papel da educação e de uma universidade na sociedade”* (Prof. 63).

- *“O rumo econômico nebuloso atual. Sem dinheiro não se faz “educação” de qualidade”* (Prof. 256).
- *“As ameaças à Educação que vivemos neste momento, especialmente os cortes de investimentos”* (Prof. 290).
- *“A situação universitária no geral está muito preocupante. Falta de recursos para estudantes, pesquisa, infraestrutura que impede a melhoria nos três pilares da uma universidade: ensino, pesquisa e extensão”* (Prof. 114).
- *“Cortes de recursos tanto para material de consumo, quanto bolsas de estudantes. A situação política atual não prioriza a universidade pública. Me preocupo que ocorra uma privatização. Me preocupa a situação dos Campi fora de sede em relação aos cortes de verbas”* (Prof. 422).

A terceira maior incidência, com 99 ocorrências, foi referente a diversos aspectos das condições de trabalho, entre elas o volume de trabalho, a sobrecarga e a perseguição ideológica.

- *“Excesso de controle sobre a atividade do docente; desvalorização da atividade de ensino de graduação; excesso de valorização da atividade de pesquisa em relação à docência”* (Prof. 128).
- *“Perseguição política contra a liberdade de cátedra e precarização do trabalho (excesso de trabalho, falta de contratações etc.)”* (Prof. 212).
- *“A exigência de uma produtividade que tem contribuído para o desgaste das relações interpessoais. Além das condições desfavoráveis de trabalho e a burocracia institucional representam um fator desgastante emocionalmente”* (Prof. 368).
- *“Aumento da carga de trabalho, especialmente atividades administrativas e, conseqüentemente, falta de tempo e espaços para discutir o pedagógico, como melhorar minha didática”* (Prof. 500).

A insegurança e as incertezas com a conjuntura política atual, em especial relacionadas às perspectivas futuras para o campo educacional no país e, particularmente, para a educação e a universidade públicas, também foi manifesta como um fator preocupante no depoimento de 87 professores/as.

- *“Incerteza sobre a futura política governamental para as Universidades Públicas [...]”* (Prof. 8).
- *“A incerteza quanto ao funcionamento da universidade em virtude do bloqueio do orçamento pelo MEC. Além da preocupação com a saúde mental dos estudantes universitários, em virtude da instabilidade gerada pelo bloqueio no orçamento”* (Prof. 19).
- *“Insegurança em relação ao futuro da universidade, em especial ao futuro da Educação Básica na UFSC”* (Prof. 267).
- *“A incerteza sobre futuro (próximo) da Universidade, envolvendo todos os aspectos (ensino, pesquisa, extensão) e a continuidade do nível de excelência da nossa instituição.”* (Prof. 281).

- *“Falta de uma perspectiva clara para os próximos anos no que diz respeito à autonomia universitária, autonomia de pesquisa e financiamentos necessários para a ciência e educação como um todo”* (Prof. 373).
- *“Instabilidade política, desvalorização da carreira, aumento da carga horária de trabalho, crise na pesquisa e pós-graduação”* (Prof. 321).

Em depoimentos de 74 docentes, é possível apreender suas preocupações relacionadas à desvalorização da educação e da universidade pública e o seu sucateamento e/ou desmonte, para citar palavras mencionadas nas respostas.

- *“Destruição da universidade via cortes de verba e Future-se”* (Prof. 307).
- *“Desmonte das universidades públicas”* (Prof. 291).
- *“Desmonte da educação superior pública; evasão discente de curso de graduação; desvalorização docente; redução de bolsas e demais recursos de permanência estudantil; adoecimento de estudantes e docentes (físicos emocionais/psicológicas)”* (Prof. 327).
- *“Sem qualquer tipo de perspectivas sobre a carreira pública federal e a desvalorização do trabalho realizado pela universidade federal”* (Prof. 431).

Já o receio da privatização da universidade pública aparece como a sexta principal preocupação dos/as respondentes, em 47 ocorrências, e encerra o bloco de exemplos recortados para os principais motivos de preocupações dos/as colegas docentes da ativa;

- *“Preocupo-me se teremos Universidade Pública e Gratuita por muito tempo, como ficará a situação com cortes de bolsas, se existe a possibilidade de ser demitida no futuro”* (Prof. 73).
- *“A possibilidade de não termos mais universidade pública e carreira estável, que possibilita a dedicação aos 3 eixos da universidade. O número enorme de estudantes por turma e a falta de contratação de docentes para atendê-los”* (Prof. 103).
- *“A falta de recursos para as universidades e a perspectiva de privatização, o que torna todo este trabalho e a carreira docente altamente desestimulante”* (Prof. 200).
- *“Ameaças de privatização, baixo reconhecimento pela sociedade e burocracia interna e preconceitos que dificultam a realização de projetos com a comunidade, incluindo movimentos sociais e indústrias de todos os tamanhos”* (Prof. 246).
- *“Cortes de recursos tanto para material de consumo, quanto bolsas de estudantes. A situação política atual não prioriza a universidade pública. Me preocupo que ocorra uma privatização. Me preocupa a situação dos Campi fora de sede em relação aos cortes de verbas”* (Prof. 422).

Em função do momento político e econômico do país, do esvaziamento das políticas educacionais para o ensino público, da manifesta perseguição ideológica às universidades públicas por membros do Governo Federal, do anti-intelectualismo e do movimento de recrudescimento e mesmo de negação do conhecimento científico no próprio âmbito do

discurso governamental, fatores aliados à instaurada precarização das condições de trabalho e de infraestrutura, e da fragilização das condições de saúde de docentes (e, mais recentemente, de estudantes), o momento da pesquisa foi profícuo para apreender as preocupações dos/as colegas professores/as da UFSC, de modo quase unânime. O alento, se pode-se dizer assim, vem de um depoimento isolado (Prof. 111), que quase chega a lembrar um verso de Mário Quintana no *Poeminho do Contra*. O depoimento do/a docente diz: *“Não tenho preocupações, mesmo com a instabilidade que estamos vivendo. Já tive vários momentos desses ao longo do tempo em que atuo no nível superior”*; o que nos dá esperança de que os desmanches governamentais na educação pública e na carreira docente não sejam permanentes – afinal, “eles passarão, [nós] passarinho”.

2.3 Relações com a Apufsc

A pesquisa recebeu respostas de 63% de docentes filiados ao sindicato e 37% de não filiados. Esta seção mapeia as percepções desses dois grupos de docentes sobre a relevância e o papel que pode e/ou deve ser desempenhado pela Apufsc.

Sobre a relevância das funções do Sindicato, submetemos 12 questões (Tabela 25) ao crivo dos/as colegas docentes filiados à Apufsc, numa escala de cinco níveis que vai de “Nada relevante” até “Muito relevante”. Deste conjunto, destacamos:

- a) as funções mais relevantes (representadas pela soma de “relevante” e “muito relevante”) são, pela ordem decrescente: “Representar juridicamente os filiados (95,5%)”, “Defender os interesses trabalhistas dos/as docentes da UFSC” (95%), “Informar a categoria em temas de seu interesse” (89,8%), seguido de “Defender a universidade pública, gratuita e de qualidade” (89,9%), “Defender a autonomia da universidade” (88,4%) e “Mobilizar e unificar a categoria” (88%). Abaixo desse patamar, aparecem as percepções positivas sobre o papel de “Representar politicamente os filiados” (79,4%) e “Oferecer benefícios, serviços, convênios e planos de saúde” (77,4%). Em último lugar nessa escala, “Promover a integração social e atividades de lazer entre filiados/as” (53,4%);
- b) no polo oposto, que se refere às escalas de “Nada relevante” e “Pouco relevante”, somente a função de “Promover a integração social e atividades de lazer entre filiados/as” (21,5%) foi classificada de modo significativo pelos respondentes.

Tabela 25 - Em sua opinião, qual a relevância das seguintes funções da Apufsc?

	Nada relevante	Pouco relevante	Nem relevante, nem irrelevante	Relevante	Muito relevante	Total	Média ponderada
Defender os interesses trabalhistas dos/as docentes da UFSC	0,74%	2,21%	1,96%	23,28%	71,81%	408	4,63
Defender a universidade pública, gratuita e de qualidade	1,47%	4,18%	4,42%	22,60%	67,32%	407	4,5
Representar politicamente os filiados	5,15%	7,60%	7,84%	23,28%	56,13%	408	4,18
Representar juridicamente os filiados	0,49%	2,70%	1,23%	20,88%	74,69%	407	4,67
Oferecer benefícios, serviços, convênios e planos de saúde	1,47%	6,62%	14,46%	42,16%	35,29%	408	4,03
Defender a autonomia da universidade	1,48%	4,44%	5,68%	19,51%	68,89%	405	4,5
Mobilizar e unificar a categoria	2,70%	2,70%	6,86%	20,59%	67,16%	408	4,47
Promover a integração social e atividades de lazer entre filiados/as	5,15%	16,42%	25,00%	33,82%	19,61%	408	3,46
Informar a categoria em temas de seu interesse	0,74%	2,94%	6,37%	30,39%	59,56%	408	4,45
						Respostas: 408	
						Não- resp.: 306	

Os/as docentes também avaliaram a atuação da Apufsc com relação às mesmas 12 funções, em cinco escalas (de “Muito satisfeito/a” para “Muito insatisfeito/a”, com a opção “Não sei”), configurando o grau de satisfação da categoria com o seu sindicato (Tabela 26). Em termos gerais, destacamos:

- a)** os maiores graus de satisfação (somadas as respostas de “Muito satisfeito/a” com “Satisfeito/a”) concentram-se nos aspectos, em ordem decrescente, “Informar a categoria em temas de seu interesse” (65,5%), “Representar juridicamente os filiados” (55,3%), “Defender os interesses trabalhistas dos/as docentes da UFSC” (54%), “Defender a universidade pública, gratuita e de qualidade” (49,3%) e “Defender a autonomia da universidade” (46,2%);
- b)** numa avaliação mediana, com em torno de $\frac{1}{3}$ de grau de satisfação, aparecem três funções, em ordem decrescente: “Representar politicamente os filiados” (39%), “Oferecer benefícios, serviços, convênios e planos de saúde” (37,3%) e “Mobilizar e unificar a categoria” (31,2%);
- c)** por último, com a menor taxa de aprovação, está a função de “Promover a integração social e atividades de lazer entre filiados/as” (27%);
- d)** do ponto de vista do grau de insatisfação (“Insatisfeito/a” e “Muito insatisfeito/a”), em ordem decrescente, destacam-se as questões relativas a “Mobilizar e unificar a categoria” (32%), “Representar politicamente os filiados” (26%), “Defender a universidade pública, gratuita e de qualidade” (21%), “Defender os interesses trabalhistas dos/as docentes da UFSC” (18,4%) e “Defender a autonomia da universidade” (18,3%). Em comum, tais funções têm um elo: a natureza da ação política e institucional da Apufsc. É uma importante sinalização da categoria, num momento em que a universidade pública está sob ataque do governo federal, cujas implicações podem ser avaliadas pela diretoria da Apufsc, com peso político coerente com a relevância do tema.

Tabela 26 - Qual o seu grau de satisfação em relação ao modo como a Apufsc tem conduzido as seguintes funções?

	Não sei	Muito insatisfeito/a	Insatisfeito/a	Nem satisfeito/a, nem insatisfeito/a	Satisfeito/a	Muito satisfeito/a	Total	Média ponderada
Defender os interesses trabalhistas dos/as docentes da UFSC	7,88%	6,16%	12,32%	19,95%	43,10%	10,59%	406	3,16
Defender a universidade pública, gratuita e de qualidade	5,68%	6,42%	14,32%	24,20%	40,00%	9,38%	405	3,15
Representar politicamente os filiados	9,38%	8,64%	17,28%	25,93%	31,36%	7,41%	405	2,83
Representar juridicamente os filiados	14,07%	3,46%	7,65%	19,51%	42,47%	12,84%	405	3,11
Oferecer benefícios, serviços, convênios e planos de saúde	11,63%	3,71%	8,66%	38,61%	30,45%	6,93%	404	2,93
Defender a autonomia da universidade	6,68%	6,93%	11,39%	28,71%	36,14%	10,15%	404	3,11
Mobilizar e unificar a categoria	5,46%	10,17%	21,84%	31,27%	24,81%	6,45%	403	2,79
Promover a integração social e atividades de lazer entre filiados/as	17,53%	3,95%	7,16%	44,69%	22,47%	4,20%	405	2,63
Informar a categoria em temas de seu interesse	4,70%	3,71%	6,68%	19,31%	47,77%	17,82%	404	3,55
							Respostas: 406	
							Não-resp.: 308	

Em questão aberta, a pesquisa mapeou as representações dos sindicalizados sobre benefícios e desvantagens de filiar-se à Apufsc. Houve 356 manifestações a respeito de benefícios e 238 sobre desvantagens. Para análise as respostas foram agrupadas por semelhança temática.

Dois tipos de benefício se destacam nitidamente no agrupamento de respostas. O mais mencionado é a representação e defesa dos interesses da categoria profissional (*“Fomentar a única organização que pode lutar por direitos da carreira” / “Sentir que sou representado, apesar das dificuldades e frustrações.”*). A notar que o modo de referir-se aos favorecidos pela representação política varia muito, envolvendo expressões como categoria, classe, associados, professor, profissionais e mesmo instituição (no caso, o próprio sindicato). O outro benefício relevante mencionado espontaneamente pelos respondentes é o apoio jurídico ou legal.

Um volume intermediário de respostas valoriza a contribuição do sindicato para a unidade e a mobilização da categoria (*“Unir forças para que a voz da categoria tenha mais chances de conseguir o que deseja” / “unidos somos mais fortes”*). Participar desse tipo de movimento é visto como um benefício em si por parte dos/as respondentes, que valorizam o pertencimento a uma comunidade política (*“Acreditar na organização social em prol de uma coletividade” / “não estar só”*). Neste bloco, também aparecem numerosas menções ao trabalho da Apufsc na disseminação de informações relevantes para os professores e na defesa da universidade e seu corpo docente (*“enfrentar todo tipo de ataque à universidade pública, sua autonomia e gratuidade; defesa ética e política dos docentes diante da difamação de nossa profissão”*).

Com menções menos numerosas, são valorizados convênios, serviços e plano de saúde. Houve ainda respostas que indicam ausência de informações e/ou insatisfação com o volume ou a efetividade dos benefícios (*“Infelizmente ainda não é claro pra mim quais os benefícios, além daqueles “de luta” pelos direitos dos professores”/ “Por enquanto não vejo benefícios significativos, a não ser o desconto no restaurante do Centro de Cultura e Eventos”*).

O maior bloco de respostas sobre desvantagens da filiação é o que não vê nenhuma desvantagem - o que é compreensível, já que todos os respondentes são sindicalizados. Parcela das respostas, no entanto, critica sobretudo o valor da mensalidade e o uso dos recursos (*“Comparativamente com outras entidades associativas, as quais estou filiada, acho a mensalidade da APUFSC muito cara” / “Acredito que muitas vezes dinheiro empregado em ter uma sede de custo alto e atividades sociais que não são na minha opinião o papel da entidade”*). Em seguida, surgem críticas à baixa articulação política do Sindicato no que tange ao caráter nacional do movimento docente (*“Relevância limitada ao estado e não disseminada*

pela federação”). Outras se concentram na baixa representatividade do Sindicato, visto como descolado dos problemas da categoria (“Apufsc não sabe nada dos professores. Nada do seu dia a dia. É um órgão distante. Portanto, não tem como representar adequadamente os anseios do dia a dia do professor”).

Parcelas menores de sindicalizados/as lamentam o que veem como postura excessivamente política (ou partidária, ou ideológica) dos dirigentes (“Excesso de política partidária que divide e constrange quem pensa diferente”), observam o baixo engajamento da categoria (“A desmobilização promovida por gestões anteriores”) ou criticam a capacidade da direção de envolver representados/as (“Pouca capacidade de reunir os filiados para discussão dos problemas das categorias” / “As assembleias são muito chatas”). Também há reclamações contra a divisão no movimento sindical e contra a oferta reduzida de convênios. Mesmo em número pouco representativo, um grupo de respostas oferece pistas para possibilidades de renovação na ação política do sindicato.⁴

Metade dos/as respondentes participa no movimento docente junto à Apufsc apenas ao votar nas eleições para a diretoria e 16% afirma nunca participar (Tabela 27). São 16,3% os que, além de votar, se envolvem também no processo de campanha nas eleições. Cerca de 40% dos docentes diz participar das assembleias, 17% afirmando comparecer às reuniões. Da maneira mais remota, 32,4% declaram se engajar nos debates promovidos nas mídias sociais na internet, e 11% dizem enviar sugestões ou críticas ao sindicato.

Tabela 27 - Marque as maneiras como você participa no movimento docente junto à Apufsc:

Opções	Respostas	
	Porcentagem	Quantidade
Não participo	15,84%	64
Apenas voto nas eleições para a diretoria	51,24%	207
Voto e faço campanha nas eleições para a diretoria	16,34%	66
Participo das reuniões	16,83%	68

⁴ “Falta de uma pauta negra efetiva.” / “É preciso que a entidade pense mais na diversidade e na ocupação dos espaços da Universidade”.

“Poucos momentos de confraternização nos campi fora da sede.”

“O Sindicato ainda não ser visto como instrumento de lutas pelos mais novos na instituição devido à “partidarização” que paira como crença divulgada pelos conservadores.”

“Não gosto de jornal impresso - pela sustentabilidade”

“Sendo democrático, já tive que ler/ver no material do sindicato posições um tanto o quanto desprovidas do que entendo como conhecimento/sabedoria universitária, como por exemplo acatar o movimento “MBL” como forma de ensino ou mesmo posições discriminatórias em relação a gênero ou mesmo a intolerância religiosa entre outras posições...”

Participo das assembleias	39,11%	158
Participo dos debates promovidos via mídias sociais na internet	32,43%	131
Envio sugestões e críticas à Apufsc	10,64%	43
	Respostas	404
	Não-resp.	310

Entre os que disseram não participar de reuniões e assembleias promovidas pela Apufsc, o maior motivo alegado é a falta de tempo, com 55,3% assinalando essa opção (Tabela 28). As demais razões foram apontadas por no máximo um quinto dos respondentes, destacando-se, próximas a esta marca, as seguintes explicações: desmotivação com a Apufsc (19,3%), falta de estímulo à participação (20,4%), excesso de politicagem e/ou de interesses político-partidários nas reuniões (20%) e falta de proximidade da Apufsc com o cotidiano dos docentes (18,5%).

Com relação ao processo de planejamento dos encontros pelo sindicato, 17% dos respondentes alega que as reuniões são feitas em horários inadequados, enquanto 15% deles diz ser insuficiente a informação fornecida sobre as reuniões. São 17% os que não têm interesse de se envolver. Próximo dos 10%, aparecem os apontamentos quanto à má condução dos debates (12%) ou a afirmação de que “são vazios” (12%), as críticas à falta de prestação de informações sobre a atuação da entidade (12%), e às pautas escolhidas, seja por falta de interesse nestas (10%), seja por não refletirem os problemas concretos dos docentes (11,3%).

Apontaram outras motivações para não participar dessas atividades da Apufsc 16% dos respondentes. O detalhamento dessa opção leva ao mapeamento de um conjunto de críticas ao sindicato.

Tabela 28 - Por quais motivos não participa das reuniões e assembleias promovidas pela Apufsc?

Opções	Respostas	
Falta de tempo	55,30%	146
Problemas de saúde	0,76%	2
Falta de interesse nas pautas	9,85%	26

Desmotivação com a Apufsc	19,32%	51
Falta de estímulo à participação	20,45%	54
Falta de informação sobre as reuniões	14,77%	39
Falta de informação sobre a atuação da Apufsc	11,74%	31
Reuniões em horários inadequados	16,67%	44
Debates são vazios	11,74%	31
Debates são mal conduzidos	11,36%	30
Pautas não refletem os problemas concretos dos docentes	11,36%	30
Pouco espaço para criticar e/ou se opor à Diretoria	4,92%	13
Excesso de politicagem e/ou de interesses político-partidários nas reuniões	19,70%	52
Falta de proximidade da Apufsc com o cotidiano dos docentes	18,56%	49
Desinteresse em se envolver	16,67%	44
Outro (qual?)	16,29%	43
	Respostas	264
	Não-resp.	450

Há críticas ao caráter “ideológico” de posicionamentos da entidade (“*Pauta esquerdista*”/“*Postura conservadora*”). Memórias de conflitos políticos do passado pesam na desmotivação de alguns respondentes (“*Já fui muito mais participativa, mas um evento específico me desmotivou muito e hoje não quero me envolver pois faz mal a minha saúde a forma como os processos são conduzidos*”). Alguns criticam a agenda da Apufsc, que consideram desconectada da realidade (“*As vezes me dá a impressão que o sindicato se tornou somente um clube, porque recebo muitos convites para atividades sociais, exemplo, coquetéis e jantas. Entretanto, raramente recebo convites para debates/discussões de temas como o novo mundo do trabalho e seus desafios, novas formas de atuação sindical, mundo digital e precarização do trabalho, o discurso do empreendedorismo e a perda dos direitos trabalhistas, educação para o trabalho num mundo com empregos em risco*”). Por fim, alguns estão filiados há pouco tempo e ainda não se adaptaram ao *timing* da entidade e outros têm dificuldades momentâneas de participação. Muitos reiteram a falta de tempo ou conflitos de horário.

A newsletter semanal por e-mail (Notícias da Semana) é o canal de comunicação utilizado com mais frequência pelos/as respondentes para buscar informações junto à Apufsc: 59,4% afirmam acessá-la com frequência ou com muita frequência (Tabela 29). O informativo do sindicato via WhatsApp é o segundo em uso frequente ou muito frequente, com 34% na soma dessas opções, seguido do site oficial com 32% e do boletim impresso, com 25,3%. Interessante notar que, no caso do aplicativo de mensagens, parcela semelhante à que afirma uso frequente declara nunca recorrer a esse meio (32,4%). Os canais com mais baixo uso declarado são a página no Facebook, a lista de discussão da Apufsc por email e o jornal mural com, respectivamente, 59%, 57% e 42% afirmando nunca utilizá-los. Os atendimentos por telefone ou presenciais não contam com procura muito frequente, a maior parte dos/as docentes afirmando buscar esses canais raramente ou ocasionalmente. Entre os dois, o atendimento presencial é o mais solicitado.

Tabela 29 - Com que frequência você utiliza os meios de informação e canais de comunicação abaixo para busca de informações junto à Apufsc?

	Não sei	Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Com frequência	Com muita frequência	Total	Média ponderada
Site (www.apufsc.org.br)	0,75%	5,50%	25,50%	36,50%	24,25%	7,50%	400	3,01
Página de Facebook (facebook.com/Apufsc-Sindical)	3,07%	59,08%	19,44%	11,76%	4,86%	1,79%	391	1,62
Boletim impresso (Apufsc-Sindical)	1,76%	18,84%	23,37%	30,65%	21,86%	3,52%	398	2,63
Newsletter semanal por email (Notícias da Semana)	1,24%	6,44%	9,41%	23,51%	40,59%	18,81%	404	3,52
Jornal mural	6,33%	42,03%	23,04%	18,48%	7,85%	2,28%	395	1,86
Informativo da Apufsc por WhatsApp	7,56%	32,49%	12,85%	13,35%	22,42%	11,34%	397	2,45
Atendimento por telefone	4,04%	41,41%	35,35%	15,40%	3,28%	0,51%	396	1,74
Atendimento presencial	3,54%	23,29%	42,53%	23,80%	5,57%	1,27%	395	2,08
Lista de discussão da APUFSC (por email)	9,57%	56,93%	15,62%	10,08%	5,79%	2,02%	397	1,52
							Respostas: 406	
							Não-resp.: 308	

Os/as sindicalizados/as foram consultados/as sobre a possibilidade de a Apufsc adquirir uma sede campestre. As respostas (Tabela 30) compõem um quadro de alguma indefinição: 37% concordam com a iniciativa, contra 27% que discordam, mas há 14% que não sabem opinar e 22% de indiferentes. Parece razoável que a direção do sindicato amplie a informação a respeito do tema, com vistas a aumentar a taxa de concordância com o investimento, antes de tomar uma decisão a respeito.

Tabela 30 - A diretoria da Apufsc estuda a possibilidade de adquirir uma sede campestre. Você concorda ou discorda?

Opções	Respostas	
Discordo	26,91%	109
Concordo	37,28%	151
Nem concordo, nem discordo	21,98%	89
Não sei	13,83%	56
	Respostas	405
	Não-resp.	309

Objeto de avaliação nas questões anteriores, os convênios da Apufsc foram utilizados por 36% dos respondentes. O dado indica clara potencialidade de expandir o alcance desse tipo de serviço para o conjunto de sindicalizados/as.

Por fim, o questionário abriu a possibilidade de o/a respondente apresentar sugestões para aprimorar a atuação da Apufsc, acatada por 157 pessoas⁵. A maior parte das respostas quer mais do sindicato. Os respondentes consideram que a Apufsc deveria:

- a) realizar uma campanha de sindicalização (*“Campanha sistemática em todos os departamentos por novos sócios. Fazer um comite de recepção aos novos professores que não estão a par do que ela é.”*);
- b) combater a burocracia no trabalho docente;
- c) promover mais reuniões nos campi;
- d) estimular a participação e a unidade dos docentes (*“É difícil, mas o momento exige mais corpo a corpo e menos enquetes pela internet. [...] é hora de pensar em uma ação mais corpulenta e efetiva em relação àquilo que vem acontecendo com a*

⁵ O número exclui os casos que informaram não ter interesse em responder.

educação como um todo. Uma manifestação de um dia a cada dois meses não tem surtido nenhum efeito, aparentemente.”);

- e)** eliminar a circulação de mídias impressas e ampliar o uso de canais digitais;
- f)** promover a diversidade (*“Contemplar as demandas dos professores negros.” / “Creio que a entidade deveria pensar mais na diversidade e ocupação dos espaços. Por exemplo, em sua sede dentro do campus poderia instalar trocadores para bebês, espaços para que mães/pais professores/as possam trabalhar estando com seus filhos, espaço para amamentação, banheiro para tomar banho caso necessário (há professores que passam horas a fio trabalhando e não tem um espaço para higienização caso necessário), etc”);*
- g)** aprimorar o atendimento (*“Tratar mais cordialmente os professores que vão a sede, na UFSC, buscar informações e esclarecimentos”);*
- h)** ampliar sua pauta para além de questões sindicais, incluindo a defesa da Educação pública e da qualidade de ensino;
- i)** alterar seu estatuto, para eliminar mecanismos que engessam a ação sindical; alguns respondentes contestam as deliberações via internet e defendem o retorno ao voto em assembleia;
- j)** discutir com urgência a filiação a sindicato nacional – houve 16 menções favoráveis à refiliação ao Andes ou à participação em alguma entidade nacional.

Para parte das sugestões acima, contudo, há respondentes que pensam exatamente o oposto – caso da mudança de estatuto, da filiação a entidades nacionais e da ampliação da pauta.

Para um grupo menor dos respondentes, a Apufsc segue distante da combatividade sindical, mas uma parcela mais significativa observa que a entidade está se transformando (*“Estamos em um processo de construção social. Acredito que a APUFSC está caminhando no sentido correto. Existem muitas fragilidades que tem que ser superadas. Mas, estou contente com as últimas gestões do nosso sindicato”*).

Há ainda manifestações em favor de um plano de saúde gerido pelo sindicato (*“Diante da gestão desastrosa da UFSC nos planos de saúde, a APUFSC representa a única alternativa viável para a negociação de planos de saúde que possam aceitar familiares idosos como dependentes”*) e por mais convênios. Uma voz combateu a oferta de planos e pediu para o Sindicato defender o SUS.

Entre não-filiados ao sindicato, a pesquisa colheu respostas de 238 docentes sobre seus motivos para a não-filiação. Em questão de múltipla escolha, 42% apontaram desconhecimento sobre a Apufsc, tanto de sua atuação (18%), quanto dos benefícios que oferece (24%). Não têm interesse 24% dos/as respondentes e 14% são filiados/as a outra

entidade. Apontaram outras razões 31%, configurando um panorama relevante de motivações.

Tabela 31 - Por que não é filiado/a?

Opções	Respostas	
	Não tenho interesse	23,53%
Não quero pagar a mensalidade	19,33%	46
Desconheço a atuação da Apufsc Sindical	18,07%	43
Desconheço os benefícios oferecidos pela Apufsc Sindical	23,53%	56
Já sou filiado/a a outra entidade	14,29%	34
Outro motivo (qual?)	31,09%	74
	Respostas	238
	Não-resp.	476

A principal dessas razões é a disputa pela base sindical entre duas entidades: há respondentes que discordam disso, outros acham que desmobiliza e um terceiro grupo não sabe avaliar qual entidade é mais representativa. Em seguida, os/as respondentes afirmam que a Apufsc tem poder de atuação limitado, já que é um sindicato isolado e sem conexão com entidade nacional. Um terceiro grupo de obstáculos refere-se a frustrações do sentimento de representatividade (*"Enquanto o céu cai sob nossas cabeças, a Apufsc segue mais preocupada com bailes e confraternização do que na solução dos graves problemas da classe."/ "durante o tempo em que fui associado não vi nenhuma ação efetiva da diretoria"*). Uma parcela discorda de decisões políticas anteriores ou atuais da entidade (*"O comportamento do sindicato na greve de 2013" / "a apufsc atuou contra os interesses dos docentes em circunstâncias anteriores e costumava fazer lóbis em eleições para a reitoria nos quais se privilegiavam unicamente os interesses dos técnicos" / "Há temas que vejo por uma ótica e a Apufsc se posiciona de outra forma fazendo parecer que fala por todos os seus pares"*).

Grupos menores informam estar em processo de filiação, não terem tempo para pensar no assunto ou reclamam do atendimento recebido quando tentaram se filiar (*"fiquei uns 15 minutos parado e não fui atendido por ninguém, pois o "papo" era futebol. Virei as costas e voltei para meu departamento."/ "Já solicitei e não obtive resposta"*). Do grupo de não-filiados/as, 70% informam desconhecer os convênios da Apufsc com lojas, restaurantes e outros.

Docentes sem filiação foram convidados/as a apontar iniciativas que poderiam levá-los/as à sindicalização. A realização de ações de esclarecimento sobre a Apufsc, seu papel e os serviços que oferece foi o tipo de sugestão mais recorrente (*“Saber mais como funciona, não apenas os convênios, acho que temos que entender as vantagens institucionais, e não focar nos ‘parceiros’”* / *“A APUFSC precisa divulgar os benefícios de um associado. Não existe o menor sentido em pagar mais de mil reais por ano a uma entidade que [não] se sabe a sua finalidade e os seus benefícios”*).

Também foi enfatizada a importância de adesão a entidade de atuação nacional e de promover unidade na base sindical (*“Fim da perseguição ao ANDES e maior mobilização para a luta”* / *“se alinhar à luta com ANDES”* / *“Maior engajamento e parcerias com outras entidades (sintufsc, dce, une, andes)”*).

Muitas sugestões voltaram-se para o incremento à defesa da universidade pública e do trabalho docente (*“pautas condizentes com sua função de sindicato dos trabalhadores da ufsc”*). Do mesmo modo que entre os filiados, há diferenças políticas profundas entre os não-filiados, com grupos que acham a direção da Apufsc “esquerdista” e outros, “conservadora” (*“Deixar de ser pelega”* / *“Tomar decisões lógicas e racionais para o bem da categoria e não políticas”* / *“Independência política de partidos e organizações de esquerda”*).

Com menos menções, surgiu a reivindicação de aperfeiçoamento nos benefícios e convênios, principalmente no interior (*“convênios mais interessantes”* / *“benefícios relevantes na cidade em que estou lotado”* / *“Vantagens diretas na contratação de planos de saúde, odontológico; atividades de apoio semelhantes ao projeto Amanhecer da UFSC”*). Alguns propõem mensalidades mais baixas ou uma campanha promocional de filiação que contemple desconto. Entre outras motivações pontuais, uma parcela dos respondentes afirma estar sem tempo para a filiação, embora deseje fazê-lo.

Por fim, o questionário permitiu que os /as respondentes não-filiados também apresentassem sugestões para aprimorar a atuação da Apufsc. A proximidade com a questão anterior, de motivação à filiação, tornou algo redundante a pergunta; ainda assim, 73 docentes apresentaram sugestões. Elas se concentraram no aperfeiçoamento da ação política da Apufsc, mas igualmente refletiram posições políticas diferentes na categoria. De um lado, majoritárias, manifestações típicas de esquerda em favor da unidade interna e com outros segmentos (*“A APUFSC deveria estar presente em espaços de construção conjunta com outras entidades de luta, como a Comissão Unificada da UFSC e os fóruns junto aos demais sindicatos da cidade”*) com vistas a fortalecer a defesa da categoria (*“Que atuasse mais como sindicato e menos como clube”*). De outro, menos volumosas, expressões críticas, algumas delas típicas do discurso de direita direcionado aos sindicatos: *“Focar mais em debates de conteúdos e menos em oratória classista”*, *“Posições racionais, sem ideologia (ou*

Ser mais racional e menos política)”, “Deixar de ser usada por pessoas que querem se tornar reitores e ser mais atuante na defesa dos docentes”.

2.4 Hábitos de informação

As duas questões sobre hábitos de informação foram respondidas por 474 docentes da ativa. Os três canais mais frequentes para obtenção de informação são o WhatsApp, os contatos com amigos e os sites, aplicativos ou portais de jornal ou outro órgão de jornalismo (Tabela 32). A notar que 74% utilizam WhatsApp diariamente. Redes sociais têm menor alcance entre os ativos: 76% nunca utilizam Twitter, 74% nunca usam LinkedIn e há taxas elevadas de não-uso também em Instagram (48%) e Facebook (35%). De mídias convencionais, a menos utilizada é o jornal impresso (56% nunca leem), seguida por revistas (41% nessa categoria). Cerca de um terço dos/as respondentes usam com regularidade TV ou rádio.

Tabela 32 - Com que frequência você usa os canais a seguir para obter informações de que precisa ou de que gosta?

	Nunca	Menos de uma vez por semana	Algumas vezes durante a semana	Ao menos uma vez ao dia	Várias vezes ao dia	Total	Média ponderada
Facebook	35,41%	11,80%	19,96%	19,53%	13,30%	466	2,64
WhatsApp	12,26%	5,59%	7,74%	13,76%	60,65%	465	4,05
Instagram	48,17%	9,46%	14,19%	17,85%	10,32%	465	2,33
Twitter	75,54%	7,36%	4,76%	6,28%	6,06%	462	1,6
LinkedIn	73,97%	19,31%	5,42%	1,30%	0,00%	461	1,34
Contato com amigos	2,78%	10,71%	35,76%	26,34%	24,41%	467	3,59
Páginas de redes sociais de veículos de comunicação	23,39%	13,73%	26,18%	21,46%	15,24%	466	2,91
Site, aplicativo ou portal de um jornal ou de um órgão jornalístico	3,81%	11,21%	23,04%	36,58%	25,37%	473	3,68
Sites de órgãos e empresas públicos, das empresas fornecedoras de produtos e serviços que você utiliza e de organizações não governamentais ou filantrópicas	16,56%	28,03%	30,15%	17,20%	8,07%	471	2,72
Jornal impresso	55,56%	29,27%	10,26%	3,63%	1,28%	468	1,66
Televisão	19,27%	18,42%	26,34%	27,19%	8,78%	467	2,88
Rádio	27,14%	22,44%	21,79%	22,01%	6,62%	468	2,59
Revista	41,36%	30,70%	20,90%	6,18%	0,85%	469	1,94
						Respostas: 474	
						Não-resp.: 240	

O mapeamento dos veículos que são nossas principais fontes de notícias aponta a relevância da Folha de S. Paulo, principal mídia para 52% dos respondentes. Em seguida vêm organizações ligadas à Rede Globo – o portal G1 e o grupo NSC, ambos com 39% de alcance. A partir daí, há notável pulverização de veículos, com destaque para Uol, Diário Catarinense, O Estado de São Paulo e O Globo, com percentuais entre 31% e 14%. Jornais locais e emissoras de TV com alcance estadual repercutem em menos de 10% dos respondentes. Dos/as respondentes na ativa, 46% mencionaram outras mídias, como veículos estrangeiros com atuação no Brasil ou não (El País, BBC, Le Monde, Deutsche Welle, The New York Times, The Guardian), mídias identificadas com o espectro ideológico de esquerda (Brasil 247, Carta Capital, The Intercept, Mídia Ninja, Revista Fórum) ou de direita (Gazeta do Povo, O Antagonista, Jovem Pan).

Tabela 33 - Que veículos são suas principais fontes de notícias? (Marque até três).

Opções	Respostas	
Diário Catarinense	22,22%	102
Notícias do Dia	6,97%	32
A Notícia	2,61%	12
Jornal de Santa Catarina	2,61%	12
NSC TV / Rede Globo	39,00%	179
RIC TV / Record	5,23%	24
SBT SC	2,61%	12
Band SC	7,63%	35
Folha de S. Paulo	51,63%	237
O Estado de S. Paulo	16,12%	74
O Globo	13,73%	63
G1	39,65%	182
Uol	31,37%	144
CBN Diário	18,52%	85
Outro (qual?)	45,97%	211
	Respostas	459
	Não-resp.	255

3. Resultados: docentes na aposentadoria

Tal como os dados de docentes da UFSC na ativa, o perfil predominante de docentes na aposentadoria, em 2019, também é o do sexo masculino. O grupo total de docentes, isto é, incluindo os que responderam e os que não responderam à pesquisa, revela que 58,3% dos/as aposentados/as no ensino superior da UFSC são homens. Já no ensino básico a relação se inverte, e 74,7% entre docentes na aposentadoria são do sexo feminino. Reunindo ambos os grupos, ou seja, docentes do ensino superior e do ensino básico que estão na aposentadoria, 55% é do sexo masculino e 45% do sexo feminino. Esse dado é, estatisticamente, condizente com os dados dos participantes da pesquisa (54% do sexo masculino; 46% do sexo feminino). Predominantemente, os/as docentes aposentados/as ingressaram na carreira do magistério na UFSC entre os 26 e 30 anos (32,7%) e entre os 31 e 35 anos de idade (22,9%), conforme quadro a seguir.

Quadro 2 - Docentes na aposentadoria: faixa etária de ingresso no magistério da UFSC

Faixa de idade de ingresso	% F	% M	% Total
Até 20 anos	0,30	0,00	0,30
21 a 25	7,87	9,39	17,26
26 a 30	12,99	19,70	32,68
31 a 35	11,04	11,89	22,93
36 a 40	6,77	6,77	13,54
41 a 45	3,48	3,72	7,20
46 a 50	1,71	1,59	3,29
51 a 60	0,67	1,46	2,13
Mais de 60	0,18	0,49	0,67
Total			100,00

Em 2019, o maior percentual de docentes do magistério superior na aposentadoria ingressou na UFSC entre 1975 e 1979 (27,2%). Em seguida, outros períodos de ingresso na UFSC com maior concentração de docentes na aposentadoria são os períodos de 1980 a 1984 (20,2%); 1970 a 1974 (16,1%) e 1985 a 1989 (9,2%). Essa periodização serve apenas

para fins de caracterização do público-alvo da pesquisa, haja vista que é decorrente de variáveis não mensuráveis na presente pesquisa, como índices de contratação pela universidade nos diferentes períodos de sua expansão; relação entre idade da pessoa contratada e tempo restante para sua aposentadoria no momento da contratação; períodos em que os/as docentes se aposentaram. Há ainda que se considerar os/as docentes já falecidos/as, sobretudo o grupo contratado nos primeiros anos após a criação da UFSC (período de 1960 a 1964) e que não entram na contabilização desses dados.

Isto posto, o perfil de docente da UFSC na aposentadoria, evidenciado na pesquisa, é também – tal como o grupo de docentes da ativa – o de pessoa branca, casada ou em união estável, que reside na região central de Florianópolis e, principalmente, não obstante a aposentadoria, no entorno da UFSC na capital; e que cuja maior escolaridade dos pais é bastante diversificada, ao contrário de docentes da ativa. Cerca de dois terços dos/as docentes na aposentadoria moram com cônjuge ou companheiro/a e têm entre 61 e 70 anos. Exceto por alguns casos, predominantemente esse público não possui vínculo de trabalho voluntário com a UFSC, nem exerce outra atividade profissional. Mais de 90,8% possui casa própria e 96,5% possui plano de saúde, dados condizentes com as expectativas econômicas para o segmento social e a faixa etária.

A seguir, apresentamos os dados obtidos junto a 229 docentes da UFSC na aposentadoria e que desenham o perfil sociodemográfico, as atividades realizadas, os padrões de relação com a Apufsc e os hábitos de obtenção de informação desse grupo.

3.1 Perfil sociodemográfico

Entre os/as docentes em aposentadoria pela UFSC, do total de respondentes da pesquisa, 53,95% são do sexo masculino e 46,05% são do sexo feminino. Em comparação com o grupo de docentes da ativa (respectivamente 52% do sexo masculino e 48% do sexo feminino), é possível dizer que, mesmo timidamente, houve um aumento no ingresso de mulheres no quadro docente da Universidade. Além disso, muito predominantemente (93,4%) os/as docentes na aposentadoria são da cor branca (Tabela 34). Houve apenas um(a) docente na aposentadoria que se identificou como da cor preta e 2,6% parda. Novamente se compararmos esses índices com os dados declarados por docentes da ativa, é possível inferir que, com o passar dos anos, houve um aumento no ingresso de pretos/as (de 0,4% na aposentadoria para 1,6% na ativa) e pardos/as (de 2,6% na aposentadoria para 7% na ativa) e amarelos/as (de 0,4% na aposentadoria para 1,3% na ativa) na carreira docente da UFSC, bem como pela primeira vez temos um docente autodeclarado como indígena.

Tabela 34 - Como define sua cor/raça?

Opções	Respostas	
	Branca	93,42%
Preta	0,44%	1
Parda	2,63%	6
Amarela	0,44%	1
Indígena	0,00%	0
Outra (Qual?)	3,07%	7
	Respostas	228
	Não-resp.	1

Com relação à faixa etária, o grupo de docentes na aposentadoria concentra-se, atualmente, majoritariamente na faixa de 61 a 70 anos de idade (Quadro 3). Significativamente há um predomínio de docentes entre 66 e 70 anos (31,9%) e, em seguida, entre 61 e 65 anos de idade. Mas há também um significativo percentual que ultrapassa 18% na faixa etária de 71 a 75 anos de idade. Considerando o número de docentes na casa dos 69/70 anos, este último grupo tende a, nos próximos meses, ultrapassar os 21%. Ressalta-se que esse dado é dinâmico e acompanha tanto as expectativas de longevidade crescente da população quanto o ingresso de novos membros no quadro de aposentados, considerando a faixa etária e o ano de ingresso na UFSC de docentes atualmente na ativa – dados apresentados nos itens da seção 2 deste documento.

Quadro 3 - Faixa etária de docentes da UFSC na aposentadoria em 2019

Faixa etária	N	%
Menos de 55 anos	2	0,9
56 a 60 anos	18	7,9
61 a 65 anos	50	21,8
66 a 70 anos	73	31,9
71 a 75 anos	42	18,3
76 a 80 anos	21	9,2
Mais de 80 anos	11	4,8

Não respondido	12	5,2
----------------	----	-----

No tocante à escolaridade dos pais destes/as docentes na aposentadoria, é interessante observar que as escolaridades mais altas aparecem em índices menores do que se comparados com os dados de docentes da ativa, o que pode estar relacionado com fatores geracionais e uma maior oferta/acesso ao ensino superior e à pós-graduação no país em períodos mais recentes.

Um terço dos/as docentes têm ao menos um dos pais com ensino superior completo ou pós-graduação, enquanto em 21,5% dos casos pelo menos um dos pais concluiu o ensino médio – destes, 2,6% chegaram a iniciar os estudos no ensino superior (Tabela 35). Tal como no grupo de docentes da ativa, a escolaridade mais citada pelos respondentes como a maior entre seus pais é o ensino superior completo (22,3%). Todavia, somadas as incidências de maior escolaridade relacionadas ao ensino fundamental, completo ou incompleto, os índices chegam aos 40,8%. Apenas dois docentes aposentados/as indicaram que seus pais não possuem nenhuma escolaridade (1% dos/as respondentes).

Tabela 35 - Qual a escolaridade de seus pais (cite a maior)?

Opções	Respostas	
	Pós-graduação	10,09%
Superior completo	22,37%	51
Superior incompleto	2,63%	6
Ensino médio completo	18,86%	43
Ensino médio incompleto	4,39%	10
Ensino fundamental completo	20,61%	47
Ensino fundamental incompleto	20,18%	46
Nenhuma	0,88%	2
	Respostas	228
	Não-resp.	1

Com relação ao estado civil, mais da metade dos/as respondentes identificam-se como casados e em união estável (Tabela 36), dado também condizente com outros levantamentos sociodemográficos com públicos de outros segmentos sociais na mesma faixa de idade.

Tabela 36 - Estado civil:

Opções	Respostas	
	Solteiro(a)	6,70%
Casado(a)	54,02%	121
Separado(a)	3,13%	7
Divorciado(a)	15,63%	35
Viúvo(a)	5,36%	12
Em união estável	14,73%	33
Outro (Qual?)	0,45%	1
	Respostas	224
	Não-resp.	5

Os dados de estado civil refletem nos dados do núcleo familiar e de residência de professores e professoras deste grupo. Mais de 2/3 dos/as docentes na aposentadoria moram com cônjuge e/ou companheiro/a (Tabela 37), números correspondentes aos segmentos de docentes casados (as) ou em união estável. Há um significativo percentual, para a faixa etária deste segmento profissional na aposentadoria, de pessoas que moram sozinhas: 22,4%. Todavia, é possível inferir que esse percentual guarda relações com os percentuais de pessoas separadas, divorciadas e viúvas.

Considerando as faixas de idade de professores/as aposentados/as participantes da pesquisa, as condições de saúde e bem-estar e as atividades realizadas por eles/as, bem como as relações dessas variáveis com o expressivo percentual de pessoas que moram sozinhas evidenciadas neste relatório (e, ainda, considerando a expectativa do aumento da longevidade da população em geral), recomenda-se a realização de pesquisas relacionadas a esses temas e com esse público. Há também, conforme evidenciado mais adiante, certas expectativas de serviços e atividades que a Apufsc possa proporcionar a seus associados que, se investigados, podem proporcionar um conhecimento mais aprofundado sobre as condições nas quais se vive a aposentadoria pela UFSC.

O quadro a seguir apresenta os números relacionados a com quem vivem os/as docentes na aposentadoria. Salienta-se que é uma questão de múltiplas opções. Logo, exceto para o segmento que mora sozinho, para os demais pode haver sobreposição de categorias (por exemplo, indivíduo que mora com cônjuge, filhos/as e outros familiares).

Tabela 37 - Atualmente, você mora: [Múltipla escolha]

Opções	Respostas	
Sozinho(a)	22,42%	50
Com cônjuge/companheiro(a)	67,71%	151
Com filhos(as)	16,59%	37
Com os pais	1,35%	3
Com outros familiares	1,79%	4
Com amigos(as)	0,00%	0
Outro (Qual?)	3,59%	8
	Respostas	223
	Não-resp.	6

Os quadros a seguir, ainda no tocante à moradia, apresentam respectivamente a região onde os/as docentes aposentados/as residem e qual o tipo de moradia (própria, alugada, cedida) utilizam. A respeito da primeira questão, foram listadas opções do entorno dos campi da UFSC nas cidades onde a Universidade está situada, bem como municípios da região da Grande Florianópolis.

Os dados parecem indicar que, em função da expansão da Universidade (interiorização) para outras cidades ser um processo relativamente recente, o número de professores/as vinculados a estes novos campi não produziu até o momento aposentados/as, razão pela qual cidades como Blumenau e Joinville (de grande concentração populacional em Santa Catarina), além de Araranguá, Curitiba e Araquari, não foram indicadas como locais de residência de docentes da UFSC na aposentadoria. A maior concentração de residentes está em regiões do entorno do campus da UFSC em Florianópolis e bairros próximos (Centro, Agronômica, Itacorubi e Santa Mônica): juntos, nesses bairros residem 54,7% dos/as docentes participantes da pesquisa (Tabela 38). Esse indicador é um pouco mais alto do que o de professores da ativa que residem nas mesmas regiões (cerca de 52%). É possível supor, por essa relação, que a escolha do bairro para moradia, em função do local de trabalho, tenha se mantido mesmo depois da aposentadoria. Há, ainda, 23,5% de docentes aposentados/as que residem no interior da Ilha de Santa Catarina, em bairros do Norte, Leste ou Sul da Ilha; e outros 5,7% que residem na parte continental de Florianópolis.

Entre os outros locais citados, como residência de professores/as aposentados/as estão outros bairros de Florianópolis (3 ocorrências) e outras cidades de Santa Catarina (7 ocorrências). Além disso, há professores/as residentes em outros estados, como Paraná (5), Rio Grande do Sul (4), São Paulo (2), Goiás, Espírito Santo e Rio de Janeiro (1). Outros três residem no exterior, sendo dois em Portugal e um nos Estados Unidos.

Tabela 38 - Onde mora atualmente?

Opções	Respostas	
Florianópolis - Centro e Agronômica	21,83%	50
Florianópolis - Bairros do entorno da UFSC (Trindade, Serrinha, Pantanal, Carvoeira, Córrego Grande)	24,89%	57
Florianópolis - Santa Mônica e Itacorubi	7,42%	17
Florianópolis - Continente	5,68%	13
Florianópolis - Sul da Ilha	7,42%	17
Florianópolis - Leste da Ilha	6,55%	15
Florianópolis - Norte da Ilha	9,61%	22
São José	3,49%	8
Palhoça	0,00%	0
Biguaçu	0,44%	1
Santo Amaro da Imperatriz	0,44%	1
Governador Celso Ramos	0,00%	0
Antônio Carlos	0,00%	0
Águas Mornas	0,00%	0
São Pedro de Alcântara	0,00%	0
Araquari	0,00%	0
Araranguá	0,00%	0
Blumenau	0,00%	0
Camboriú	0,44%	1
Curitibanos	0,00%	0

Joinville	0,00%	0
Outra (Qual?)	11,79%	27
	Respostas	229
	Não-resp.	0

Cerca de 91% dos/as professores/as aposentados/as participantes da pesquisa moram em casa própria (Tabela 39). Considerando os bairros predominantemente citados como locais onde moram os membros desse público, ou seja, bairros com alto valor imobiliário em Florianópolis, pode-se inferir que, a partir do quesito moradia, este grupo trata-se de um segmento social privilegiado, se não elitizado, para a realidade local.

Tabela 39 - Atualmente, sua residência é:

Opções	Respostas	
Própria	90,79%	207
Alugada	7,89%	18
Cedida	1,32%	3
Outro (Qual?)	0,00%	0
	Respostas	228
	Não-resp.	1

Já no que se refere às condições de saúde, 10,6% afirmam ter algum tipo de limitação física, como de mobilidade ou de audição, além de outras citadas espontaneamente por 4,9% dos respondentes (Tabela 40). Embora variadas, as respostas abertas sugerem que as limitações de saúde têm íntima relação com o tipo de atividade profissional desempenhada por estes professores aposentados, e incluem problemas relacionados a movimento do braço direito (comumente o mais utilizado para escrever, inclusive no quadro), a problemas de voz (voz esofágica e traqueostomia definitiva), de visão, no joelho, no calcanhar, entre outras enfermidades, como problemas cardíacos ou doença degenerativa. Cabe ressaltar que o percentual de docentes que têm algum tipo de deficiência ou limitação é maior neste grupo do que em comparação com os/as colegas professores/as da ativa, no qual apenas 3,8% assinalaram algum tipo de limitação.

Tabela 40 - Possui algum tipo de deficiência ou limitação?

Opções	Respostas	
	Não	89,38%
Mobilidade	3,54%	8
Psicossocial	0,00%	0
Cego ou Baixa Visão	0,00%	0
Surdo ou Baixa Audição	2,21%	5
Multideficiência	0,00%	0
Intelectual	0,00%	0
Outra (Qual?)	4,87%	11
	Respostas	226
	Não-resp.	3

Ainda no que se refere às condições de saúde, os/as professores/as aposentados/as foram indagados/as sobre doenças ou enfermidades ligadas ao trabalho docente. Na dimensão psíquica, 21% afirmam se sentir estressados/as e 26,6% já receberam diagnóstico de estresse (Tabela 41). Outros 10,7% afirmam já ter recebido diagnóstico de algum transtorno psicológico relacionado ao trabalho. São percentuais menores do que os apresentados por professores e professoras da ativa (respectivamente 63,4%; 35,5% e 17,1% para as mesmas questões), mas que aparenta indicar pelo menos duas hipóteses: a primeira é que o nível de estresse no trabalho tenha se intensificado na linha do tempo; a segunda é que os efeitos psicossociais se estendam, mesmo para a fase da vida da aposentadoria. Sugerimos pesquisas mais aprofundadas sobre este fenômeno, junto a docentes da UFSC. Já no que se refere ao diagnóstico de LER/DORT, 18,5% dos/as docentes aposentados/as afirma já ter sido diagnosticado com algum sintoma relacionado, percentual semelhante ao encontrado junto a docentes da ativa (20,9%).

Tabela 41 - Resposta SIM ou NÃO às questões a seguir:

	Sim		Não		Total	Média ponderada
Você se sente estressado?	21,03%	45	78,97%	169	214	1,79
Você já foi diagnosticado com estresse?	26,64%	57	73,36%	157	214	1,73
Você já foi diagnosticado com algum transtorno psicológico relacionado ao trabalho?	10,70%	23	89,30%	192	215	1,89
Você já foi diagnosticado com algum sintoma de LER/DORT?	18,48%	39	81,52%	172	211	1,82
				Respostas	216	
				Não-resp.	13	

Dos/as professores/as na aposentadoria participantes da pesquisa, 96,5% possuem plano de saúde (Tabela 42) – índice maior do que o grupo de colegas da ativa. Do total de participantes, majoritariamente (81,06%, índice maior do que o do grupo de professores/as ativos/as) integram o plano de saúde da UFSC licitado junto à Unimed; 6,6% integram os planos oferecidos pela Apufsc (no caso, todos junto à Unimed) e, ainda, 8,8% citam outros planos e convênios, sobretudo ligados à Unimed, Agemed e Geap.

Tabela 42 - Você possui plano de saúde?

Opções	Respostas	
Não	3,52%	8
Unimed UFSC	81,06%	184
Unimed Apufsc	6,61%	15
Agemed Apufsc	0,00%	0
Outro (Qual?)	8,81%	20
	Respostas	227
	Não-resp.	2

Um importante segmento do questionário realizado junto a docentes aposentados da UFSC está relacionado ao trabalho, à atividade profissional e, em especial, à carreira como professor/a e sua continuidade na aposentadoria.

Inicialmente, constatamos que uma parcela significativa de docentes aposentados/as (30%) mantém vínculo de trabalho voluntário com a UFSC. Indagamos, também, se exceto o trabalho voluntário na UFSC, os professores e as professoras aposentados/as têm atualmente outra atividade profissional. Deste grupo, 75,5% não exercem nenhuma atividade profissional. Já entre os 24,4% que exercem alguma atividade profissional, entre as atividades citadas nas respostas abertas, destacam-se a docência no ensino superior (13), a atuação como profissional liberal em sua área de formação (9) e a atuação em áreas que orbitam a docência e a pesquisa, como palestras, pareceres e revisões de trabalhos e livros acadêmicos e como escritor/a (7). São citadas, ainda, atividades ligadas à agricultura e pecuária (4) e à prestação de consultorias (4), bem como trabalho voluntário em diversas áreas, como trabalho com idosos, refugiados e associações comunitárias

Os/as docentes aposentados/as foram indagados/as também, especificamente, sobre interesse ou realização de trabalho voluntário, e a maioria (59%) diz realizar ou ter interesse em realizar esse tipo de trabalho.

No mesmo segmento sondamos o interesse, entre os/as professores/as aposentados/as, em participar de duas iniciativas que a Apufsc tem intenção de realizar. A primeira delas diz respeito à gravação de uma série de vídeos com depoimentos de professores/as aposentados/as sobre sua experiência na UFSC. Para esse projeto, 37,1% dos/as docentes manifestaram interesse em participar. A segunda iniciativa planejada pela Apufsc é a de realização de uma série de vídeos, ao estilo TED Talks (palestras e conferências veiculadas na internet, com especialistas em suas áreas de atuação), sobre temas relevantes, a fim de valorizar o conhecimento de professores/as aposentados/as. Para esta segunda iniciativa, o interesse em contribuir voluntariamente em algum tema de sua especialidade foi maior entre os/as participantes: 40,3%.

O segmento de questões a seguir diz respeito à realização de atividades diversas, entre elas atividades culturais, esportivas e de entretenimento, com o objetivo de compreender a rotina de atividades dos/as docentes aposentados/as da UFSC. O quadro a seguir é um panorama das tipologias de atividades realizadas por este público, bem como sua frequência. A relação tipo/frequência de atividades permite inferir que, no cotidiano, aquelas atividades que podem ser realizadas em casa são feitas com maior frequência pelos/as professores/as aposentados/as, como era de se esperar. No entanto, somadas as atividades que são realizadas com frequência e com muita frequência, evidenciamos que os percentuais para afazeres domésticos e entretenimento são muito parecidos (Tabela 43), com

uma pequena diferença dos afazeres domésticos (78%) realizados com maior frequência do que as atividades de entretenimento e lazer em casa (76,4%).

Este dado se coaduna a outros, que permitem inferir que os/as professores/as aposentados/as dedicam mais tempo para atividade profissional do que para atividades de descanso, lazer e cultura, o que denota um perfil de aposentado/a ainda muito ligado/a à rotina de trabalho. Somadas as frequências de realização das atividades categorizadas como "com frequência" e "com muita frequência", temos que as atividades profissionais têm uma dedicação maior (42%) de tempo, do que atividades como viagens e passeios (38%), idas a bares, restaurantes e confraternizações (37,4%) e realização de atividades artísticas e culturais (36%). Já entre as atividades listadas com as maiores frequências, somadas, de "nunca" e "raramente", estão a ação política junto a associações, movimentos ou partidos (60,2%) e a participação em projetos sociais ou trabalho voluntário (59% dos/as docentes nunca ou raramente realizam esse tipo de atividade), conforme mostrado no quadro a seguir.

Tabela 43 - Com que frequência você se dedica às atividades abaixo?

	Nunca	Raramente	Às vezes	Com frequência	Com muita frequência	Total	Média ponderada
Atividades artísticas e culturais	3,77%	21,23%	39,15%	28,77%	7,08%	212	3,14
Atividade profissional	19,32%	16,43%	22,22%	25,60%	16,43%	207	3,03
Afazeres domésticos	0,00%	5,16%	16,90%	46,95%	30,99%	213	4,04
Entretenimento e lazer em casa	0,00%	3,30%	20,28%	52,83%	23,58%	212	3,97
Bares, restaurantes e confraternização com familiares / amigos	0,95%	18,48%	43,13%	31,75%	5,69%	211	3,23
Viagens e passeios	1,43%	10,48%	50,00%	31,43%	6,67%	210	3,31
Ação política (associações, movimentos ou partidos)	33,80%	26,39%	21,30%	13,43%	5,09%	216	2,3
Projetos sociais ou trabalho voluntário	30,66%	28,30%	19,81%	15,57%	5,66%	212	2,37
						Respostas: 217	
						Não-resp.: 12	

O quadro anterior permite evidenciar que, em geral, o/a professor/a aposentado/a da UFSC é uma pessoa bastante ativa, pois realiza uma série de atividades domésticas, profissionais, culturais, de entretenimento e lazer. Mesmo que um bom tempo seja dedicado a atividades em casa, a frequência de realização de atividades físicas permite inferir que é um público que não pode ser considerado como sedentário, no sentido estrito do termo. Os dados mostram que a maioria (60,8%) dos e das docentes aposentados/as que participaram da pesquisa afirmam realizar atividades físicas de duas a três vezes na semana (Tabela 44), frequência recomendada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para adultos com mais de 64 anos. Temos, ainda, 18,4% de docentes que realiza atividade física com frequência superior a quatro vezes na semana. Todavia, em termos de cuidados com a saúde, temos um índice preocupante, que chega aos 20%, de pessoas que realizam alguma atividade física no limite de até uma vez por semana. Não foram sondados os motivos pelos quais os/as docentes realizam e/ou não realizam atividades físicas, por isso recomenda-se a realização de um estudo sobre os hábitos de saúde de docentes aposentados/as da UFSC, que aprofunde o conhecimento sobre estas questões e possam contribuir para estratégias de cuidados com a saúde.

Tabela 44 - Com que frequência você realiza atividade física?

Opções	Respostas	
	Nunca	1,42%
Raramente (menos de uma vez por semana)	7,08%	15
Ocasionalmente (até uma vez por semana)	12,26%	26
Com frequência (entre duas a três vezes por semana)	60,85%	129
Com muita frequência (mais de quatro vezes por semana)	18,40%	39
	Respostas	212
	Não-resp.	17

Dentre os tipos de atividades físicas realizadas por professores e professoras na aposentadoria, destacam-se as caminhadas (49,5%), o pilates (29,8%), a musculação (12,5%) e a natação (9,6%), dentre os mais de 30 tipos diferentes de atividades citadas. Cerca de 30% dos/as professores/as realiza mais de uma atividade física, o que significa dizer, grosso modo, caminhada e mais algum tipo de atividade, neste público.

O quadro a seguir sintetiza as atividades físicas citadas pelos/as respondentes como aquelas que realizam (Quadro 4). Não foram incluídas as menções às atividades domésticas, de jardinagem ou horta, citadas nas respostas abertas. Foram mantidas as respostas dúbias, mesmo que elas possam resultar em redundâncias (por exemplo, “academia”, redundante com musculação ou outra atividade física que se realize nas academias, por não conseguirmos especificar a que se refere esta atividade).

Quadro 4 - Atividades físicas realizadas pelos/as docentes aposentados/as

Atividade	N	%
Caminhada	103	49,5
Pilates	62	29,8
Musculação	26	12,5
Natação	20	9,6
Academia / personal	18	8,7
Ginástica / exercícios	11	5,3
Hidroginástica	10	4,8
Bicicleta	10	4,8
Alongamentos	9	4,3
Fisioterapia	5	2,4
Esteira	5	2,4
Corrida	5	2,4
Yoga	4	1,9
Dança	3	1,4
Hidroterapia	3	1,4
Crossfit	3	1,4
Tai Chi Chuan	3	1,4
Basquete	2	1,0
Futebol de salão	2	1,0
Aeróbica	2	1,0

Bicicleta ergométrica	2	1,0
Vela	2	1,0
Tenis	2	1,0
Standup Surf	1	0,5
Beach tennis	1	0,5
Remo	1	0,5
Calistenia	1	0,5

Por fim, dentro das intenções futuras da Apufsc, foi perguntado aos participantes da pesquisa quais os tipos de atividades sociais, culturais e esportivas que, promovidas pela entidade, gostaria de participar (Tabela 45). As maiores participações são relacionadas a atividades de passeios e viagens (41,6%), apresentações de música e teatro (41,2%) e cinema (38,8%).

Tabela 45 - De que tipo de atividades sociais, culturais e esportivas promovidas pela Apufsc você gostaria de participar?

Opções	Respostas	
Festas e confraternizações	23,83%	51
Passeios e viagens	41,59%	89
Jogos de quadra (voleibol, futebol, etc)	4,21%	9
Jogos de salão (cartas, ping-pong, sinuca, etc)	7,48%	16
Cinema	38,79%	83
Apresentações de música e teatro	41,12%	88
Saraus literários	21,03%	45
Nenhuma	24,77%	53
Outra(s). Qual(is)?	12,15%	26
	Respostas	214
	Não-resp.	15

Além das respostas do quadro anterior, outras 26 foram respondidas de forma aberta. Deste número, 5 professores/as sinalizaram que não têm condições de participar das

atividades, sobretudo por residirem em outro estado ou cidade. Outros/as 5 manifestaram interesse em exposições de artes e/ou exposições culturais, e 4 também têm interesse em temas culturais, mas sugerem atividades no formato de seminários e palestras para debater, além das questões culturais, questões políticas, da ciência e da educação. Por fim, 2 professores/as sugerem cursos/aulas para inserção tecnológica, como cursos de informática; e 2 se referem à sede social da Apufsc: uma das respostas diz que o/a professor/a gostaria de *“Frequentar uma sede de praia se a APUFSC viabilizar (deveria existir desde anos 1980...)”* (sic); a outra comenta que a Apufsc *“deveria ter sede social”*. Nas respostas que não puderam ser categorizadas, total de 7, aparecem sugestões de oficinas (1), peteca (1), igreja (1), cursos de filosofia e espiritualidade (1), trilhas e caminhadas (1) e atividades ou iniciativas de apoio a idosos (1), além da resposta de um/a professor/a que se manifesta da seguinte forma: *“Mais discussões em assembleias sobre contexto do ensino universitário do país, mobilização para reestruturar o [movimento dos/as professores/as]. Acho ofensivo receber da Apufsc “as notícias da semana”...”* (sic).

Esta manifestação serve de link para o próximo segmento da pesquisa, a saber, as relações dos/as professores/as aposentados/as com a Apufsc.

3.2 Relações com a Apufsc

Neste item, apresentamos os dados referentes à relação dos/as docentes aposentados/as com a Apufsc. Iniciamos identificando quantos docentes são filiados à Apufsc em 2019. Dos 213 respondentes, 93% são filiados à entidade, o que denota que, para as questões a seguir, mais do que a opinião de professores/as aposentados/as da UFSC, as opiniões também são, em grande medida, de filiados da Apufsc, portanto, servem de subsídios para avaliação interna do sindicato.

A primeira pergunta foi direcionada sobre a opinião dos/as professores/as sobre as funções da Apufsc. O quadro a seguir permite evidenciar que, na opinião dos/as participantes, defender os interesses trabalhistas da categoria é a função mais relevante, para 81,1% (Tabela 46). Logo em seguida, 79,4% considera muito relevante a função da Apufsc para representar juridicamente os/as filiados/as e, para 72,2% dos/as participantes, é função muito relevante da Apufsc defender a universidade pública, gratuita e de qualidade e a autonomia da universidade. Inversamente, ainda que em proporção menor, a função de representar politicamente os/as filiados/as é a função que apresentou as maiores frequências de nada ou pouco relevante: somadas, chegam a 16,1%.

Os dados sugerem que, de um lado, mesmo na aposentadoria, há uma permanente preocupação dos/as docentes com a autonomia e a defesa da universidade pública e que, não obstante o reconhecido enfraquecimento do movimento sindical no país nos últimos anos, a relevância da entidade é reconhecida para defender estas pautas, bem como para representar os interesses dos/as trabalhadores/as.

Tabela 46 - Em sua opinião, qual a relevância das seguintes funções da Apufsc?

	Nada relevante	Pouco relevante	Nem relevante, nem irrelevante	Relevante	Muito relevante	Total	Média ponderada
Defender os interesses trabalhistas dos/as docentes da UFSC	0,00%	1,11%	0,00%	17,78%	81,11%	180	4,79
Defender a universidade pública, gratuita e de qualidade	0,00%	3,89%	5,56%	18,33%	72,22%	180	4,59
Representar politicamente os filiados	11,11%	5,00%	8,89%	26,67%	48,33%	180	3,96
Representar juridicamente os filiados	0,00%	0,56%	0,00%	20,00%	79,44%	180	4,78
Oferecer benefícios, serviços, convênios e planos de saúde	0,56%	3,91%	4,47%	41,90%	49,16%	179	4,35
Defender a autonomia da universidade	1,11%	2,78%	3,89%	20,00%	72,22%	180	4,59
Mobilizar e unificar a categoria	1,67%	2,78%	3,89%	28,89%	62,78%	180	4,48
Promover a integração social e atividades de lazer entre filiados/as	1,12%	6,15%	22,35%	44,13%	26,26%	179	3,88
Informar a categoria em temas de seu interesse	0,00%	2,25%	0,56%	42,70%	54,49%	178	4,49
						Respostas: 180	
						Não-resp.: 49	

Além do reconhecimento do grau de relevância das funções da Apufsc, foi perguntado também o grau de satisfação dos/as professores/as aposentados, em relação ao modo como a Apufsc tem conduzido suas funções, conforme apresentado no quadro a seguir. Sobre esse aspecto, podemos realizar um cotejamento entre o quadro anterior e o próximo quadro, comparando as opiniões dos/as participantes sobre o grau de relevância e o grau de satisfação relacionados a algumas das funções da Apufsc.

Nesse sentido, embora 81,1% dos/as docentes aposentados/as considere muito relevante a função da Apufsc em defender os interesses trabalhistas da categoria, apenas 25% considera-se muito satisfeito com a atuação da Apufsc sobre isso (Tabela 47). Do mesmo modo, se 79,4% considera muito relevante a função da Apufsc em representar juridicamente os/as filiados/as, apenas 34% considera-se muito satisfeito/a com a atuação da entidade nesse aspecto. Já em relação à defesa da autonomia da universidade e à defesa da universidade pública, gratuita e de qualidade, funções consideradas muito relevante para 72,2% dos participantes, respectivamente apenas 22,5% e 22,6% expressam a opinião de que estão muito satisfeitos/as com o modo como a Apufsc tem conduzido essas funções.

Comparativamente, considera-se como análogas as pautas/funções da Apufsc em termos de relevância e satisfação, todavia, observa-se que os/as participantes concentram suas opiniões mais como satisfeitos/as do que como muito satisfeitos/as sobre como a Apufsc tem conduzido essas funções.

Tabela 47 - Qual o seu grau de satisfação em relação ao modo como a Apufsc tem conduzido as seguintes funções?

	Não sei	Muito insatisfeito/a	Insatisfeito/a	Nem satisfeito/a, nem insatisfeito/a	Satisfeito/a	Muito satisfeito/a	Total	Média ponderada
Defender os interesses trabalhistas dos/as docentes da UFSC	0,56%	1,67%	3,89%	13,89%	55,00%	25,00%	180	3,96
Defender a universidade pública, gratuita e de qualidade	2,26%	1,69%	9,60%	20,90%	42,94%	22,60%	177	3,68
Representar politicamente os filiados	6,70%	5,59%	8,38%	27,37%	36,87%	15,08%	179	3,27
Representar juridicamente os filiados	0,56%	0,00%	2,26%	9,04%	54,24%	33,90%	177	4,18
Oferecer benefícios, serviços, convênios e planos de saúde	2,79%	0,56%	3,35%	34,64%	43,58%	15,08%	179	3,61
Defender a autonomia da universidade	2,25%	1,12%	7,87%	21,35%	44,94%	22,47%	178	3,73
Mobilizar e unificar a categoria	3,37%	4,49%	12,36%	32,58%	35,39%	11,80%	178	3,28
Promover a integração social e atividades de lazer entre filiados/as	6,70%	1,12%	7,82%	40,78%	33,52%	10,06%	179	3,23
Informar a categoria em temas de seu interesse	2,23%	2,23%	3,35%	19,55%	53,63%	18,99%	179	3,77
							Respostas: 180	
							Não-resp.: 49	

Além das questões anteriores, procuramos saber, também, a avaliação dos/as docentes aposentados/as sobre os benefícios/vantagens e sobre as desvantagens na filiação à Apufsc. Esta era uma questão aberta do questionário e foi respondida por 35,4% dos/as participantes, totalizando 157 respostas abertas. Destas, todas indicaram algum tipo de vantagem ou benefício. Outras 23% de respostas foram no sentido que não percebiam, reconheciam ou de que simplesmente não há desvantagens em ser filiado/a à Apufsc. Por fim, 28,6% das respostas (45 ocorrências) citaram algum tipo de desvantagem ou aspecto negativo em ser filiado/a, muitas delas não correspondendo necessariamente a uma desvantagem em ser filiado/a à Apufsc, mas identificando críticas e aspectos a serem melhorados em diferentes dimensões. Cabe ressaltar, todavia, que todos/as participantes da pesquisa que citaram algum tipo de desvantagem/crítica também identificaram benefícios/vantagens. Embora esse dado pareça óbvio (dificilmente alguém que vislumbra apenas desvantagens permanecerá associado, a qualquer entidade que seja), é salutar no sentido de que o posicionamento crítico, aparentemente, não se esgota na crítica em si mesma, mas reconhece também as potencialidades e possibilidades oferecidas pela associação.

O quadro a seguir é uma categorização das principais vantagens e desvantagens que, segundo os/as participantes, se aplicam à filiação à Apufsc.

Quadro 5 - Principais benefícios e desvantagens em ser filiado/a da Apufsc

Vantagens	N	Desvantagens	N
Representação da categoria	45	Não há desvantagens	36
Apoio/serviços jurídicos	38	Decisões políticas / posicionamento	15
Defesa dos interesses	35	Pouca mobilização/unidade	8
Outras ou mais de três vantagens	15	Ideologia política	7
Acolhimento/segurança dos filiados	11	Custo da mensalidade	6
Informações	4	Liderança política	2
Integração/coletividade	4	Corporativismo	1
Convênios	4	Esclarecimentos/orientações	1
Ação sindical	1	Limitação dos convênios	1
		Opções de lazer	1
		Política sindical	1

		Serviços jurídicos	1
		Outras ou mais de três desvantagens	1
Total de respostas	157	Total de respostas	81

Entre as vantagens/benefícios avaliados por professores e professoras na aposentadoria, são citados como exemplos os excertos enumerados a seguir. Como critério de seleção, utilizamos aquelas categorias com mais de cinco ocorrências e procuramos listar a quantidade de excertos proporcionalmente à quantidade de respostas em cada categoria.

1. Representação da categoria:

"Saber e confiar na ação da Apufsc a favor dos docentes" (Prof. 7). "É a única forma de sermos representados" (Prof. 12). "Ser representado por lideranças acadêmicas com boa visão da Universidade" (Prof. 15). "Ter uma organização que nos representa, na na defesa de os nossos interesses, profissional e institucional" (Prof. 31). "Ter a voz de uma categoria" (Prof. 36). "Estar bem informado e ser bem representado" (Prof. 42). "Sentir-me representado nos meus interesses" (Prof. 63). "Representação coletiva em defesa dos direitos trabalhistas e da universidade pública, autônoma, democrática e de qualidade" (Prof. 66). "Apoio e representação junto a demandas profissionais e jurídicas, vigilância, atuação e contraposição nesta época turbulenta- MEC, MCTI e todo governo federal, espaço limitado precioso na sede UFSC para encontros e conversas com colegas, café, relax, interação com funcionári@s eficientes e simpátic@s, atuação vigorosa que nos representa muito bem mais "notícias da semana" exemplares e diferenciadas na atual diretoria, eventos no pequeno espaço e confraternização mensal" (Prof. 70). "Atuar em nosso favor nas questões trabalhistas e como canal de expressão política junto às Administrações Públicas" (Prof. 101). "A força que a representação e o trabalho em grupo proporciona" (Prof. 125). "Saber que temos participação política e administrativa na UFSC e na sociedade brasileira" (Prof. 150).

2. Apoio / serviços jurídicos:

"Sinto-me amparada legalmente por quem sabe" (Prof. 3). "Dar apoio jurídico e informativo sobre ocorrências na UFSC" (Prof. 6). "Defesa jurídica. Informações via WhatsApp" (Prof. 17). "Apenas o jurídico, atualmente" (Prof. 47). "Suporte sindical e jurídico disponíveis para o associado" (Prof. 77). "Assistência jurídica e representação trabalhista" (Prof. 146). "Assessoria jurídica nos processos internos" (Prof. 152).

3. Defesa dos interesses dos filiados:

"Participar das lutas coletivas em defesa da Universidade e dos interesses docentes" (Prof. 25). "Dispor de um sindicato para a defesa da identidade e dos interesses do professor de quadro no ensino superior da UFSC" (Prof. 26). "Defesa de nossos direitos trabalhistas e na defesa da universidade pública" (Prof. 30). "O fortalecimento de vínculos com a categoria através de reuniões, assembleia, do Boletim etc; através da luta pelos nossos direitos e da divulgação de informações"

(Prof. 53). *"Sinto gratidão pelos colegas que dedicam parte de seu tempo para defender os interesses da comunidade universitária e lutar pela sobrevivência do conceito original da Universidade"* (Prof. 102). *"Um órgão para defesa dos interesses da categoria e da educação"* (Prof. 140).

4. Acolhimento / segurança dos filiados:

"Maior segurança nos direitos trabalhistas e previdenciários" (Prof. 28). *"Segurança em relação a possíveis perdas"* (Prof. 87). *"A Apufsc acolhe os seus filiados de uma maneira mais familiar que a Ufsc que confere os status de professor"* (Prof. 96). *"Proteção e amparo aos direitos dos docentes"* (Prof. 153). *"O cuidado com os direitos trabalhistas"* (Prof. 157).

5. Outras ou mais de três vantagens:

"Defender os interesses trabalhistas dos docentes, a universidade pública e gratuita, a mobilização da classe etc.... Tudo o que respondi acima. " (Prof. 4). *"Apoio integral da APUFSC às questões trabalhistas; informações necessárias; jurídico sempre disponível; convênios; confraternização"* (Prof. 21). *"Apoio jurídico, assistencial, serviços diversos, unificação da categoria docente e sua representatividade"* (Prof. 110).

Entre as desvantagens avaliadas pelos/as docentes aposentados/as, são citados como exemplos os excertos enumerados a seguir. Como critério de seleção, utilizamos aquelas categorias com mais de cinco ocorrências e procuramos listar a quantidade de excertos proporcionalmente à quantidade de respostas em cada categoria.

1. Decisões políticas:

"Decisões equivocadas com base em minorias" (Prof. 2). *"Às vezes alguns líderes não conseguem representar o pensamento da maioria dos professores"* (Prof. 15). *"A ação extremamente politizada que num passado recente efetivou"* (Prof. 34). *"Ser sujeitoado a diretorias conservadoras que não entendem o que é política sindical e não defendem a universidade pública"* (Prof. 68). *"Quando a direção adota posicionamentos com os quais discordamos é difícil se manter filiado"* (Prof. 98). *"Não sei se este é o espaço, contudo fica aqui o registro. A Apufsc demora muito a se manifestar publicamente como APUFSC em questões relativas à sua finalidade como Associação"* (Prof. 106). *"Trabalha sempre contra governo e nunca em favor dos associados"* (Prof. 109).

2. Pouca mobilização / unidade:

"Pouca mobilização e participação dos docentes na APUFSC" (Prof. 63). *"Assistir a "briga" pelo direito de representar a categoria com a Apufsc partida"* (Prof. 104). *"Poucas atividades em tentativas de integração e participação dos filiados em atividades da Apufsc"* (Prof. 122). *"Às vezes um tanto apática"* (Prof. 127). *"Isolamento de outros setores representativos da categoria"* (Prof. 142).

3. Ideologia política:

"A manipulação da APUFSC para fins ideológicos. Sou fundadora desta Associação e não compartilho de seus objetivos atualmente" (Prof. 47). "A ideologia de esquerda radical" (Prof. 143). "Custo e posicionamento político partidário" (Prof. 146). "Envolvimento com política NÃO acadêmica" (Prof. 149).

4. Custo da mensalidade:

"Mensalidade alta" (Prof. 42). "Mensalidade elevada" (Prof. 126). "Pagar mensalidade proporcional ao salário, quando os benefícios são iguais" (Prof. 135).

Além destas questões, os/as professores/as foram indagados/as sobre as maneiras pelas quais participam do movimento docente junto à Apufsc. O quadro a seguir apresenta um panorama de pouca participação, com mais da metade dos filiados participando apenas das eleições para a diretoria (56,1%) ou não participando (18,9%), mesmo percentual daqueles/as que participam das assembleias (Tabela 48). Os dados revelam ainda um esvaziamento das reuniões, com a participação de apenas 8,3% dos/as docentes. Todavia, um percentual maior, 22,8%, afirma participar dos debates promovidos via mídias sociais na internet, o que parece indicar que talvez essa seja uma estratégia com potencial maior de participação em futuras decisões.

Tabela 48 - Marque as maneiras como você participa no movimento docente junto à Apufsc:

Opções	Respostas	
	Não participo	18,89%
Apenas voto nas eleições para a diretoria	56,11%	101
Voto e faço campanha nas eleições para a diretoria	18,89%	34
Participo das reuniões	8,33%	15
Participo das assembleias	18,89%	34
Participo dos debates promovidos via mídias sociais na internet	22,78%	41
Envio sugestões e críticas à Apufsc	7,22%	13
	Respostas	180
	Não-resp.	49

Em relação à baixa participação nos debates e no movimento docente, os/as docentes foram indagados sobre os motivos da sua não-participação, questão na qual era possível assinalar mais de um motivo. O desinteresse em se envolver (20%), o excesso de politicagem

e/ou de interesses político-partidários nas reuniões (17,8%), a falta de estímulo à participação (15,6%) e a falta de tempo (15,6%) foram os motivos principais citados (Tabela 49).

Tabela 49 - [apenas para quem respondeu que não participa dos debates] Por quais motivos não participa das reuniões e assembleias promovidas pela Apufsc?

Opções	Respostas	
	Falta de tempo	15,56%
Problemas de saúde	8,15%	11
Falta de interesse nas pautas	10,37%	14
Desmotivação com a Apufsc	13,33%	18
Falta de estímulo à participação	15,56%	21
Falta de informação sobre as reuniões	4,44%	6
Falta de informação sobre a atuação da Apufsc	2,22%	3
Reuniões em horários inadequados	3,70%	5
Debates são vazios	1,48%	2
Debates são mal conduzidos	3,70%	5
Pautas não refletem os problemas concretos dos docentes	6,67%	9
Pouco espaço para criticar e/ou se opor à Diretoria	2,96%	4
Excesso de politicagem e/ou de interesses político-partidários nas reuniões	17,78%	24
Falta de proximidade da Apufsc com o cotidiano dos docentes	8,89%	12
Desinteresse em se envolver	20,00%	27
Outro (qual?)	30,37%	41
	Respostas	135
	Não-resp.	94

Percentual expressivo, cerca de 30,4% dos/as respondentes assinalaram outras opções, explicitadas a seguir. Cabe destacar que muitas delas poderiam ser categorizadas nas opções fechadas, apresentadas no quadro. Todavia, optamos por manter as respostas tal como assinalada pelos participantes:

1. *“Não tenho inclinação para participação nas discussões políticas.”*
2. *“Um certo desinteresse devo admitir... Mas quando a coisa é séria e decisiva tento comparecer.”*
3. *“Moro distante da UFSC.”*
4. *“Trabalho em tempo integral em outra universidade.”*
5. *“Neste momento tenho familiares idosos e doentes para cuidar.”*
6. *“Concentrado em escrever.”*
7. *“Falta de incentivo para o retorno à UFSC.”*
8. *“Morar em outro estado.”*
9. *“Particpei ativamente da APUFSC no seu início de órgão combativo. Confesso que me falta energia, agora. Mas acompanho à distância. E considero fundamental a participação, especialmente dos ativos.”*
10. *“Aposentado trabalhando em IES em outro estado.”*
11. *“Distância física entre o meu domicílio e a Associação.”*
12. *“Quando na ativa, de uns 10 ou 15 anos para cá, sempre tive a sensação de que as assembléias eram mal conduzidas ou não representavam o desejo da maioria dos docentes, ou seja, pouco representativas.”*
13. *“Moro fora do Brasil atualmente.”*
14. *“Morar em Curitiba.”*
15. *“Um pouco afastado devido ao fato de ser aposentado.”*
16. *“Moro longe da UFSC.”*
17. *“Cansaço de debates e discussões.”*
18. *“Sou aposentado e resido longe.”*
19. *“Residir em outro Estado.”*
20. *“Distância e impossibilidade de ausentar-se por mais de hora e meia da residência. Considerar o problema de congestionamentos no trânsito.”*
21. *“Moro em outro estado.”*
22. *“A Apufsc durante um bom tempo foi tomada por grupos conservadores que não me representavam e, ao contrário, foram no mínimo coniventes com o desmonte da universidade pública e com os retrocessos que temos vivido. Apenas muito recentemente a Apufsc voltou à sua função principal.”*
23. *“Outros compromissos pessoais e familiares.”*
24. *“Aposentada. Viajo.”*
25. *“Moro em Curitiba.”*
26. *“Falta de energia.”*
27. *“Os que pensam como eu estamos sempre em minoria”.*
28. *“Ir numa assembléia que não decide, só debate e a decisão fica on-line é bastante desmotivador”.*
29. *“Morar longe”.*
30. *“Problemas pessoais como timidez.”*
31. *“Morar em outra Cidade distante.”*
32. *“Os últimos anos de UFSC foram muito estressantes e nao tenho vontade participar de nenhuma atividade na UFSC, porém, participo de algumas confraternizações.”*
33. *“Morar fora de Florianópolis. Quando residia aí fui atuante nas atividades sindicais.”*
34. *“Preguiça.”*
35. *“Distância de Florianópolis da cidade onde resido.”*
36. *“Muito envolvido com pautas outras da existência e da política.”*
37. *“Moro em Portugal.”*

38. *“Atualmente priorizo atividades comunitárias em meu bairro.”*
39. *“Questões pessoais.”*
40. *“Atividades profissionais.”*
41. *“Não costumo dialogar nas redes sociais.”*

Para além da relação entre Associação e associados/as pela via da participação no movimento docente, outro meio de vínculo entre esses agentes são os canais de comunicação disponíveis e utilizados no cotidiano. O quadro a seguir é uma síntese sobre a frequência de uso que os/as docentes aposentados/as fazem dos meios de informação e canais de comunicação atualmente utilizados pela Apufsc. O quadro permite inferir que, de todas as iniciativas que a Apufsc mantém atualmente, a newsletter semanal, enviada por e-mail, é o meio pelo qual os/as professores/as deste segmento se mantêm informados – 72% utilizam com frequência ou com muita frequência este mecanismo (Tabela 50). Já para 44,3%, o meio mais utilizado com frequência ou muita frequência é o boletim impresso. E 36,6% se informam, frequentemente ou muito frequentemente, via informativo enviado por WhatsApp. Inversamente, outros meios de comunicação da Apufsc se mostram poucos profícuos para esse público (professores/as aposentados/as), a saber, página no Facebook, jornal mural e lista de discussão via e-mail.

Tabela 50 - Com que frequência você utiliza os meios de informação e canais de comunicação abaixo para busca de informações junto à Apufsc?

	Não sei	Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Com frequência	Com muita frequência	Total	Média ponderada
Site (www.apufsc.org.br)	0,00%	3,45%	14,37%	44,25%	29,89%	8,05%	174	3,25
Página de Facebook (facebook.com/Apufsc-Sindical)	1,91%	61,15%	14,01%	13,38%	7,01%	2,55%	157	1,7
Boletim impresso (Apufsc-Sindical)	0,57%	15,34%	15,91%	23,86%	29,55%	14,77%	176	3,11
Newsletter semanal por email (Notícias da Semana)	1,14%	5,11%	8,52%	14,20%	42,05%	28,98%	176	3,78
Jornal mural	4,97%	60,87%	18,63%	8,07%	6,21%	1,24%	161	1,53
Informativo da Apufsc por WhatsApp	4,79%	31,74%	14,37%	12,57%	20,36%	16,17%	167	2,6
Atendimento por telefone	1,19%	19,05%	39,29%	27,98%	9,52%	2,98%	168	2,35
Atendimento presencial	0,58%	5,85%	40,35%	40,94%	7,02%	5,26%	171	2,64
Lista de discussão da APUFSC (por email)	6,67%	54,55%	19,39%	15,76%	3,64%	0,00%	165	1,55
							Respostas: 181	
							Não-resp.: 48	

Os dados a seguir são referentes à concordância e/ou discordância dos/as colegas docentes aposentados/as, associados à Apufsc, sobre a possibilidade de aquisição de uma sede campestre pela entidade. Embora cerca de 38% concorde com essa iniciativa, os outros 62% dos/as respondentes parecem sinalizar que a questão ainda precisa ser melhor discutida entre os/as associados/as, haja vista que 27,4% discorda da ideia e, somados, os/as que têm dúvidas sobre a aquisição chegam a um percentual de 33,6%, revelando que não há um consenso sobre a iniciativa (Tabela 51).

Tabela 51 - A diretoria da Apufsc estuda a possibilidade de adquirir uma sede campestre. Você concorda ou discorda?

Opções	Respostas	
Discordo	27,37%	49
Concordo	37,99%	68
Nem concordo, nem discordo	23,46%	42
Não sei	11,17%	20
	Respostas	179
	Não-resp.	50

Por fim, os/as docentes aposentados/as associados à Apufsc foram indagados sobre se já utilizaram algum convênio da Associação com lojas, restaurantes e outros estabelecimentos comerciais. Entre os/as respondentes (179 docentes), apenas 22,3% afirma já ter utilizado algum desses convênios. Não foram perguntados os motivos para se fazer ou não uso dos convênios.

O último segmento deste levantamento envolveu a indagação aos participantes, docentes aposentados/as associados à Apufsc, se gostariam de fazer alguma sugestão para aprimorar a atuação da Apufsc e, em caso afirmativo, quais as sugestões. Dentre os/as participantes, filiados/as, 77 docentes responderam à pergunta aberta. Todavia, 21 deles/as responderam que não tinham sugestões a serem feitas no momento, seja porque estão satisfeitos/as ou porque não saberiam o que dizer. Um/a docente destacou vários aspectos, que se enquadram em diferentes dimensões passíveis de serem categorizadas: *“Manter e ampliar a nossa representação junto à Reitoria, Andifes e MEC-MCTI, conquistar mais espaço no campus UFSC e fechar/vender ou alugar a sede MaxFlora e captar mais recursos para a nova sede campestre/praiã”* (Prof. 32).

Já as demais 55 respostas foram categorizadas em diferentes aspectos e/ou dimensões, apresentadas a seguir. Ressalta-se que essa categorização serve apenas para melhor organização dos aspectos mais importantes destacados nas frases e que, devido à sua elaboração, algumas manifestações poderiam ser enquadradas em mais de uma dimensão. No entanto, nossa prioridade é dar visibilidade às sugestões/explanações dos/as participantes. Também por isso optamos por manter o estilo de redação, inclusive mantendo a grafia de palavras ou expressões em letra maiúscula, que denotam a ênfase que o/a interlocutor/a pretende ressaltar em algumas frases.

1. Dimensão da ação sindical:

Sugestões que reforçam o caráter sindical da Apufsc e sugerem estratégias de ação no escopo do movimento sindical da categoria. As respostas foram as seguintes: *“Precisamos fortalecer o sindicato e filiá-lo nacionalmente. O momento é agora.” / “Ação sindical mais incisiva.” / “Abandonar a representação de professores da rede privada de ensino, focar nos colegas da rede pública (estadual e federal, incluindo os IFES).” / “O movimento sindical deve se unificar.” / “Fortalecimento político!” / “Parabenizo a gestão atual! Voltei a ser filiada, depois de algum tempo desfilada, em função de achar a gestão anterior desconfigurada de posição sindical.” / “Aprovar a reintegração ao Andes.” / “Aprofundar a discussão política e institucional.” / “Nas atuais circunstâncias, foco na defesa da educação pública e do Magistério.” / “Ser ativa, superar o imobilismo decorrente do regimento.” / “Ser apenas, e já é muito, representativa dos professores.” / “Uma atuação ainda mais efetiva e célere na defesa dos direitos legais do corpo docente ativo/aposentado da UFSC, num cenário tão caótico para a educação como temos vivenciado nos últimos tempos de imensas perdas de direitos adquiridos e poucos ganhos reais.” / “Reunificar o Movimento Docente.” / “Ser mais combativa na luta pelos professores, apoiar e participar dos movimentos de luta sindical e realizar trabalho conjunto e de luta com a Seção local do ANDES.” / “Fazer uma campanha para conseguir mais associados entre os novos professores. Continuar na luta na defesa dos recursos para manutenção de uma universidade autônoma, gratuita e de qualidade. Tentar concretizar com mais afinco a Sede Campestre.” / “Não se filiar a ANDES nem a outra entidade sindical.” / “Buscar articulação com ANDES.”*

2. Estratégias de aproximação com os docentes:

Sugestões de mobilização e ações que fortaleçam a aproximação com as bases, seja na busca de novos associados, seja com iniciativas que vão ao encontro das expectativas dos/as filiados/as: *“Buscar reaproximar o professor aposentado do seu Sindicato e da sua UFSC seja por palestras interessantes, oficinas, projetos, convênios, festas, etc.” / “Mobilizar jovens docentes.” / “Retomar o Boletim Impresso Semanal e retomar a publicação de jornais e revistas IMPRESSOS, com curtas periodicidades.” / “Acho que esse questionário é uma ação boa para conhecer o interesse dos sócios e ouvi-los. Outro dia uma colega me disse que não é sócia da Apufsc pq não vê nada de bom que essa entidade trás. Discordo em parte, mas creio que poderia fazer mais. As respostas dadas aqui mostram minha opinião.” / “Atuação de aposentados em*

palestras envolvendo experiências profissionais como docente (experiência própria, longevidade, saúde do docente, etc.), participação no Aposentação, outros lemas pertinentes.” / “Escutar mais os filiados e seus interesses” / “Desenvolver um trabalho de estudo e compreensão do Trabalho.” / “Nem pensar em comprar a tal sede campestre, não sabia da intenção, mas achei um absurdo na conjuntura atual. Sindicato é para a luta e integração, não para lazer!!!”

3. Benefícios e serviços oferecidos:

Sugestões que priorizam aspectos relacionados aos benefícios a associados/as, bem como serviços, conveniados ou não, a professores/as aposentados/as:
“NAO SAIR DA UNIMED.... VOLTAR A OFERECER CURSO DE INFORMÁTICA.” / “Já escutei, por exemplo, que a APUFSC pensa em adquirir uma sede campestre. Claro, a decisão deverá ser da maioria dos sócios. Mas, será que é um investimento interessante para a associação?” / “Sede campestre com possibilidade de pernoite.” / “Dar cursos sobre aplicação financeira, aposentadoria útil, benefícios de se manter tecnologicamente ativo, fomentar grupos de interesse.” / “Viagens de aposentados.” / “A última planilha da UNIMED mostra que a APUFSC poderia ter criado o seu próprio plano de saúde! Poderia assumir essa responsabilidade.” / “Manter o nível de qualidade dos serviços oferecidos.” / “Propor pacotes de viagens a locais interessantes do Brasil.” / “Dedicar maior atenção ao NETI (núcleo de estudos da terceira idade) e aproveitar a contribuição que eles ainda podem oferecer.” / “Mais convênios; atividades culturais e de integração entre afiliados.” / “Não se meter com sede campestre. Clubes existentes são suficientes” / “Que dê continuidade ao RU...” / “Condições do plano de saúde via Apufsc, que eu nem sabia que existia.” / “Mais convênios e promoções culturais e sociais.”

4. Atendimento aos filiados/as:

Sugestões no tocante ao atendimento e a mecanismos que facilitam o acompanhamento de requisições e processos:
“Melhorar atendimento sede.” / “Revisar a TI para informar os dados de andamento do processos.dificuldades em abrir para conhecer a evolução.” / “Que a APUFSC identifique as causas em andamento e mantenham o associado informado.” / “Nas questões de processos jurídicos, fornecer informações para leigos sobre o andamento dos mesmos.”

5. Dimensão político-ideológica:

Diz respeito às menções que enfatizaram o caráter político-partidário e/ou ideológico que, na opinião dos/as docentes, pode ou deve ser adotado pela entidade:
“O quanto possível evitar a politicagem.” / “Desvincular ações de movimentos político-partidários.” / “Melhorar o atendimento advocatício, menos politicagem, uma vez que deve ter uma ação representativa para todos os docentes, independente do partido do governo. Acredito muito na APUFSC.” / “Representar professores sem ideologia política.” / “Preocupar-se menos com ideologias políticas de esquerda anti democrática.” / “Inibir a tendência político-partidária da associação.”

6. Estratégias de condução de debates:

Agrupa sugestões de ações e estratégias para condução de debates ou pautas junto a associados/as, bem como de direção da própria entidade:

“Levantar discussões via email de temas importantes à categoria.” / “Trazer políticos, técnicos e cientistas de grande relevância para tratar de temas essenciais para a universidade e para a sociedade em geral.” / “Publicar uma revista com temas atuais.” / “Proponho um seminário e exposições sobre a atuação da APUFSC desde sua criação. Trilhas antigas são importantes para indicar as novas.” / “Deviam usar mais as mídias para divulgar o trabalho da universidade para a sociedade.” / “Divulgar melhor o que fazem e cumprir o que prometem”.

Além das questões anteriores, dirigidas para filiados/as, o questionário de pesquisa dirigiu um bloco de questões específicas para docentes aposentados/as, não-filiados à Apufsc, o que caracteriza um número muito pequeno de respondentes (17), dentre o grupo geral de professores/as aposentados/as que participaram da pesquisa.

Entre as razões pelas quais os/as docentes não filiados à Apufsc justificam esta condição, a resposta predominante é “Não tenho interesse”, com 43%, ou 6 respostas (Tabela 52). Contudo, quase 15% afirmam desconhecer os benefícios oferecidos pela Apufsc Sindical (14,2%) e ainda 21,4% responderam “Outro motivo (qual?)”, uma questão qualitativa da qual observamos registros como *“A APUFSC passou por alguns anos de inatividade, controlada por grupos políticos contrários aos princípios de uma universidade democrática e inclusiva”*. Ou seja, há espaço para incremento da taxa de sindicalização da Apufsc, mesmo entre os quase 30% que informaram “Já sou filiado/a a outra entidade” (28,57%).

Tabela 52 - Por que não é filiado/a? [Lógica]

Opções	Respostas	
	Não tenho interesse	42,86%
Não quero pagar a mensalidade	0,00%	0
Desconheço a atuação da Apufsc Sindical	0,00%	0
Desconheço os benefícios oferecidos pela Apufsc Sindical	14,29%	2
Já sou filiado/a a outra entidade	28,57%	4
Outro motivo (qual?)	21,43%	3
	Respostas	14
	Não-resp.	215

Quanto ao grau de conhecimento dos convênios firmados pela Apufsc, com lojas, restaurantes e outros estabelecimentos, dentre os/as 17 respondentes aposentados/as sem filiação, nove (53%) afirmam que desconhecem tais benefícios.

Para o grupo de docentes aposentados/as não associados/as à Apufsc foi perguntado que iniciativas poderiam levar os/as participantes a se filiar à entidade. As respostas foram as seguintes:

1. *“No momento não posso por questão de saúde.”*
2. *“Não desejo associar à Apufsc.”*
3. *“Se não fosse um grupo de professores elitistas e separadas do resto da comunidade. Também teria que desassociar de partidos políticos.”*
4. *“Nenhuma. Apoio a APUFSC do jeito que é.”*
5. *“Mostrar que está, novamente, interessada em defender os associados e passar longe daquele PROIFES.”*
6. *“Por uma questão familiar, não posso despender de mais uma mensalidade no momento.”*
7. *“SEDE EM BIGUAÇU, ONDE RESIDO.”*
8. *“União com Andes S. Sind”*
9. *“Unidade sindical na UFSC.”*
10. *“Filiação ao Andes.”*

Ao final deste bloco de perguntas, foi solicitado aos docentes aposentados/as não associados/as à Apufsc, que gostariam de fazer alguma sugestão para aprimorar a atuação da Associação, que as descrevessem. Das 10 respostas qualitativas, quatro dão conta que o/a respondente não tinha, no momento, sugestões ou considerações a serem feitas. As outras seis respostas são as seguintes:

1. *“Já sou aposentado UFSC e me desfiliei da APUFSC.”*
2. *“INCENTIVAR A PRODUÇÃO LITERÁRIA DOS PROFESSORES, COM A DIVULGAÇÃO DE TEXTOS, POEMAS, CONTOS, CRÔNICAS E HUMOR COM CHARGES OU ESCRITOS. O BOLETIM É MUITO SISUDO E, POUCO ORIGINAL.”*
3. *“Que houvesse dedicação às questões sindicais.”*
4. *“Continuar buscando união com grupo do Andes S. Sindical. A UFSC precisa de UM ÚNICO SINDICATO FORTE E COMBATIVO.”*
5. *“A APUFSC poderia ser protagonista localmente e no futuro nacionalmente em um processo de reunificação do movimento docente, tanto no plano local da UFSC quanto nacional.”*
6. *“Debater nas ruas questões sobre política, educação e sociedade”*

As respostas qualitativas apresentadas no segmento anterior podem servir de importante instrumento de gestão da diretoria da Apufsc, bem como estratégia de articulação dos/as docentes em questões que ainda se apresentam como polêmicas, como a filiação ou não à ANDES e a aquisição ou não da sede campestre, além de indicar que este tipo de

levantamento de opiniões sobre temas concretos pode significar uma profícua aproximação da entidade com os/as associados/as.

3.3 Hábitos de informação

Neste segmento, apresentamos os dados referentes às práticas de acesso à informação, mobilizadas pelos/as colegas docentes aposentados/as da UFSC. Do total de participantes da pesquisa, 74% (129 docentes) responderam a duas perguntas sobre o tema. Uma delas sobre as frequências de uso de diferentes mídias de sua preferência; outra sobre as principais fontes de informação utilizadas por eles/as, uma questão de múltipla escolha com a possibilidade de assinalar mais de uma opção e descrever, qualitativamente, outras fontes eventualmente não citadas dentre as opções a serem assinaladas.

Em um primeiro momento, os/as docentes foram indagados sobre a frequência com que usam uma lista de canais para obter informações de que precisam ou que gostem. O quadro a seguir denota que, provavelmente por questões geracionais, este segmento de docentes aposentados/as opta, com mais frequência, por se informar via WhatsApp e, em bem menor número, via páginas ou aplicativos de órgãos jornalísticos; e em número menor, via televisão (Tabela 53). Em sentido contrário, redes sociais na internet como Twitter, LinkedIn e Instagram são os mecanismos menos acionados (quando/se são) por docentes para se atualizar/informar sobre os temas de seu interesse.

Tabela 53 - Com que frequência você usa os canais a seguir para obter informações de que precisa ou de que gosta?

	Nunca	Menos de uma vez por semana	Algumas vezes durante a semana	Ao menos uma vez ao dia	Várias vezes ao dia	Total	Média ponderada
Facebook	35,97%	22,30%	17,27%	12,95%	11,51%	139	2,42
WhatsApp	13,57%	9,29%	8,57%	20,00%	48,57%	140	3,81
Instagram	65,44%	13,97%	9,56%	9,56%	1,47%	136	1,68
Twitter	81,29%	7,91%	4,32%	4,32%	2,16%	139	1,38
LinkedIn	75,36%	19,57%	2,90%	2,17%	0,00%	138	1,32
Contato com amigos	5,71%	25,71%	42,14%	15,00%	11,43%	140	3,01
Páginas de redes sociais de veículos de comunicação	21,74%	21,01%	21,74%	18,84%	16,67%	138	2,88
Site, aplicativo ou portal de um jornal ou de um órgão jornalístico	9,72%	12,50%	22,22%	29,17%	26,39%	144	3,5
Sites de órgãos e empresas públicos, das empresas fornecedoras de produtos e serviços que você utiliza e de organizações não governamentais ou filantrópicas	21,58%	37,41%	26,62%	9,35%	5,04%	139	2,39
Jornal impresso	32,62%	29,79%	15,60%	18,44%	3,55%	141	2,3
Televisão	9,66%	13,10%	18,62%	40,00%	18,62%	145	3,45
Rádio	27,27%	20,98%	23,08%	20,98%	7,69%	143	2,61
Revista	27,78%	31,94%	22,22%	13,19%	4,86%	144	2,35
						Respostas: 146	
						Não-resp.: 83	

A próxima questão solicitava, ainda no que se refere a consumo de informações, a indicação dos três principais veículos de informações para cada docente. Veículos tradicionais são os preferidos entre os/as participantes: Folha de S. Paulo (43%); NSC TV/Rede Globo (39%) e Diário Catarinense, jornal local do mesmo grupo da NSC TV (33,3%) (Tabela 54). No entanto, uma expressiva parcela dos participantes, 42,4%, citaram outras fontes de informações. No amplo bloco de outros títulos, surgem, como entre os docentes da ativa, mídias estrangeiras e canais vinculados à esquerda ou à direita.

Tabela 54 - Que veículos são suas principais fontes de notícias? (Marque até três).

Opções	Respostas	
Diário Catarinense	33,33%	48
Notícias do Dia	8,33%	12
A Notícia	0,69%	1
Jornal de Santa Catarina	2,78%	4
NSC TV / Rede Globo	38,89%	56
RIC TV / Record	14,58%	21
SBT SC	6,94%	10
Band SC	13,89%	20
Folha de S. Paulo	43,06%	62
O Estado de S. Paulo	9,72%	14
O Globo	6,25%	9
G1	20,83%	30
Uol	27,08%	39
CBN Diário	25,00%	36
Outro (qual?)	42,36%	61
	Respostas	144
	Não-resp.	85

Sintetizando, no que se refere aos hábitos de consumo de informações, percebemos que os/as docentes priorizam jornais tradicionais e, além disso, subutilizam os veículos de comunicação locais para se informar. Os dados fornecidos pelos/as professores/as aposentados/as da UFSC permitem inferir, também, que há uma diversidade de fontes alternativas, desde mídias e veículos de comunicação tradicionais, até mídias alternativa e, em alguns aspectos, sensacionalistas, o que corrobora com a diversidade de posicionamentos que modulam as sociedades contemporâneas.

4. Síntese dos resultados, agenda de pesquisa e considerações finais

Dos 2.501 docentes ativos da UFSC, 44% são mulheres e 56% são homens. Brancos são majoritários (88%); entre pardos e pretos esta taxa alcança apenas 8,71%. Mais da metade do grupo tem entre 30 e 49 anos (56,14%) e foi contratada na última década. A maioria mora em Florianópolis nos bairros contíguos ao Campus Universitário da Trindade ou na região central. Em termos de capital cultural, trata-se de um conjunto bastante homogêneo, composto por pessoas com doutorado, cujas famílias já tinham pai ou mãe com ensino superior completo; 70% já estão casados/as ou em união estável. Têm vidas típicas de classe média, com renda superior a 10 salários mínimos, casa própria e plano de saúde, e vão trabalhar em carro próprio.

No trabalho, os/as docentes enfrentam dinâmicas de precarização, cujos marcadores se encontram no alongamento das jornadas, na multiplicação e intensificação das atividades, no uso do domicílio e dos finais de semana para dar conta das tarefas, no caráter ubíquo das demandas e na deterioração ou inadequação da infraestrutura da universidade.

Nós somos contratados sobretudo para jornadas de 40h semanais, com dedicação exclusiva (95%), mas trabalhamos mais que isso (80% dos/as docentes assim o confirmaram) para dar conta de um conjunto imenso de responsabilidades. Nossas atividades mais frequentes são o ensino para graduação (92%) e pós-graduação (58%), orientações nesses dois níveis (56% e 59% respectivamente) e coordenação de projetos de pesquisa (58%). Boa parte de nós coordena projetos de extensão (44%) ou laboratórios (34%), supervisiona estágios (30%) ou ocupa funções de gestão (23%). Uma infinidade de outras responsabilidades se soma a essas atividades principais e cria uma pista recheada de obstáculos a quem gostaria de se dedicar, sobretudo, à pesquisa ou ao desenvolvimento de ciência, tecnologia e arte.

O alongamento e a intensificação da jornada levam o trabalho para o espaço doméstico. Quando não estamos em aula, trabalhamos em salas de professores ou em casa – quase nunca em bibliotecas. Não apenas o excesso de responsabilidades conduz o trabalho ao domicílio, mas também condições inadequadas de infraestrutura na universidade. Muitas vezes, para poder dispor de livros atualizados, ergonomia adequada e silêncio, o melhor é ir para a casa. Quem frequenta escritórios (salas de trabalho individuais ou compartilhadas com colegas) na UFSC sabe que interrupções são constantes. Além das dificuldades de infraestrutura, temos motivações pessoais para trabalhar em casa, para administrar responsabilidades familiares (com o cuidado de crianças, idosos ou da casa) e compromissos profissionais, sucessiva ou concomitantemente.

Intensificação e extensão do tempo de trabalho têm provavelmente deixado um rastro de consequências físicas e de saúde mental. A maior parte de nós (64%) sente estresse

relacionado ao trabalho – e um terço já recebeu diagnóstico de estresse. Percentuais menores, mas nem por isso menos significativos, referem-se a diagnósticos de transtornos psicológicos relacionados ao trabalho (17%), sintomas de LER/DORT (21%) e afastamentos das atividades profissionais motivados por doença relacionada ao trabalho (13%). São indicadores que preocupam, considerada a precarização do trabalho e a intensificação da jornada.

As condições de trabalho também estão relacionadas a outras situações preocupantes. Mais da metade dos/as docentes (55%) considera que seus esforços no trabalho não são devidamente reconhecidos e um em cada cinco se considera de algum modo discriminados em suas oportunidades de ascensão profissional. (Identificar os segmentos de respondentes mais frequentes entre esses dois grupos é um desafio para as etapas posteriores desta pesquisa). A frequência de assédio moral na universidade também parece alarmante. Mais da metade dos/as respondentes (54%) afirmam já ter presenciado alguma situação de assédio moral e 35% já foram constrangidos/as no trabalho a ponto de acreditar que se tratava de assédio moral. O assédio sexual encontrou indicadores menores na pesquisa, com 16% afirmando ter presenciado situação semelhante no trabalho e 5% com resposta positiva a ter sofrido assédio sexual no trabalho. O enunciado das questões deixava claro que elas se aplicavam ao trabalho na UFSC.

A despeito desse conjunto de problemas, costumamos afirmar que o trabalho da docência nos satisfaz (na maioria dos indicadores aferidos nesta pesquisa). Nós gostamos sobretudo da experiência que o trabalho nos proporciona e das relações interpessoais que estabelecemos com estudantes, colegas e chefias. Por outro lado, estamos insatisfeitos com a burocracia, o volume exagerado de trabalho, a falta de recursos para pesquisa, extensão, viagens a campo ou visitas técnicas, com os espaços físicos e a infraestrutura que a universidade oferece.

Fora do horário de trabalho, como vimos, temos mais trabalho: nosso tempo é primeiro ocupado por afazeres domésticos, tarefas acumuladas, estudos ou atividades relacionadas à atuação profissional. Só depois disso vêm as formas de entretenimento, lideradas pelo lazer em casa. Com menor alcance, fazemos viagens e passeios, vamos a bares e restaurantes ou confraternizamos com família ou amigos – mas tendemos a não conviver socialmente com colegas da UFSC fora da universidade. Só um em cada quatro docentes (25%) dedica-se com frequência a atividades artísticas e culturais. E poucos se doam ao voluntariado ou à ação política. No tempo que nos sobra, praticamos atividade física – corridas ou caminhadas, musculação ou academia, pilates ou ioga, natação ou ciclismo, assim como variadas combinações entre essas e outras modalidades esportivas.

As tecnologias de informação e comunicação tornaram-se mecanismos de sobre-exploração do trabalho. Reconhecemos que elas nos tornaram profissionais multitarefa e que

demandam maior produtividade no mesmo tempo de trabalho. A onipresença de telefones celulares e canais para comunicação instantânea promove a interrupção constante de atividades (profissionais ou não) com demandas que chegam de maneira contínua. Não há mais separação nítida entre tempos e espaços de trabalho e de lazer, entre dias úteis e não úteis.

Para a equipe que produziu este relatório, os dados se assemelharam a um espelho. O texto foi escrito aos pedaços, em lotes fragmentados de trabalho que se distribuíram de maneira bastante irregular durante 45 dias. Parte do esforço se deu longe dos horários convencionais de jornada – em noites ou madrugadas, em sábados, domingos ou feriados. Se nem um relatório de pesquisa sobre condições de trabalho escapa de extensão de jornada, intensificação e sobrecarga de responsabilidades, que tipo de atividade docente poderá fazê-lo?

A docência se vê solitária. Cada professor tem de encontrar seu próprio modo de administrar o inadministrável: infraestrutura defasada ou inadequada, sem que haja perspectiva de melhoria; excesso de atribuições burocráticas impossíveis de transferir a técnicos ou bolsistas; infinitos pareceres sobre cada detalhe do processo de pesquisa: o recrutamento, o esboço, o projeto, o desenvolvimento, a publicação, a consagração. Tudo isso em redes envolvendo centenas de investigadores em quatro níveis de formação (graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado).

Desfazer o cipoal que torna o cerne da atividade universitária – o desenvolvimento da pesquisa para a expansão do conhecimento – um adorno na rotina da docência escapa a capacidades individuais. E se vislumbra como miragem num contexto político de ataque sistemático às universidades públicas, com ofensas e mentiras dobrando os efeitos de cortes em todo tipo de recursos. Seria difícil mudar o trabalho docente mesmo em condições políticas ideais; na adversidade, num contexto em que autoridades públicas celebram, praticam e insuflam o anti-intelectualismo e a supremacia da crença ante o conhecimento científico, a docência passa a acumular mais uma responsabilidade: a de defender a legitimidade da universidade. Parece inacreditável que o debate público sobre a função e o alcance da universidade pública tenha se rebaixado a um nível tão primário. E isso só não é mais desesperador do que constatar que, no atual ecossistema de circulação de informação e formação de opinião, os argumentos apresentados por professores universitários têm, para parcela significativa da população, pouca ou nenhuma importância.

Em que medida a ação coletiva é vista como possibilidade de resistência? Metade dos docentes da ativa está filiada à Apufsc; na pesquisa, 63% dos respondentes é de sindicalizados. Na avaliação das funções do sindicato, todas as opções foram apontadas como relevantes, na seguinte ordem decrescente de importância: representar juridicamente os associados; defender os interesses trabalhistas da docência; defender a universidade

pública, gratuita e de qualidade, assim como defender a autonomia universitária; mobilizar e unificar a categoria; informá-la em temas de seu interesse. Com taxas um pouco menores de relevância, representar politicamente os filiados, oferecer benefícios, serviços, convênios e plano de saúde e promover a integração social e atividades de lazer.

Dessas atribuições, os filiados estão mais satisfeitos com as informações que recebem da Apufsc e com o trabalho do sindicato na defesa dos interesses trabalhistas e na defesa da universidade (tanto em sua autonomia quanto em seu caráter público, gratuito e de qualidade). As taxas de satisfação são menores nas demais funções e um em cada três docentes está insatisfeito com o modo como a Apufsc mobiliza e unifica a categoria.

A avaliação positiva não é acompanhada de engajamento notável nas atividades promovidas pelo sindicato. Metade participa votando nas eleições para a diretoria, 39% vão a assembleias e 32% têm intervenções nos debates promovidos via mídias sociais. Outras formas de participação engajam ainda menos respondentes. A falta de tempo é o principal obstáculo ao envolvimento em reuniões e assembleias, mas um em cada cinco respondentes aponta desmotivação com a Apufsc, falta de estímulo à participação, excesso de politicagem e/ou de interesses político-partidários nas reuniões e falta de proximidade da Apufsc com o dia a dia da docência. O contexto político afeta o trabalho do sindicato, porque há recusas ao envolvimento com a Apufsc tanto por ela ter “pauta esquerdista” como por “postura conservadora”. *“A divisão nos desmobilizou ainda mais. A Apufsc já foi mais representativa. A conjuntura também é mais complexa e os novos professores são menos politizados, problema sério que deve ser tratado como uma prioridade”*, apontou um/a colega.

A avaliação dos canais de comunicação da Apufsc indica que o boletim por e-mail Notícias da Semana é o veículo mais utilizado, cobrindo quase 60% dos respondentes. Em escalas menores de uso foram mencionados o informativo via WhatsApp, o site e o boletim impresso. Página do Facebook, lista de discussão, jornal mural e atendimentos presencial ou por telefone são utilizados mais raramente.

A outra metade dos ativos não está filiada ao Sindicato. São duas as razões principais: falta de interesse e desconhecimento dos benefícios oferecidos pela Apufsc. Um em cada cinco não-filiados não quer pagar mensalidade ou desconhece a atuação da entidade. São filiados a outro sindicato 14% dos não-filiados respondentes à pesquisa. Grupo importante de colegas já teve filiação à Apufsc mas se desligou da entidade por discordar de decisões ou políticas adotadas no passado – parte deles critica essas decisões por serem “ideologia de esquerda”, outra parte por não constituírem um “verdadeiro sindicato”. Uma parcela não se filia à Apufsc porque outra organização disputa a mesma base sindical. *“A melhor maneira de brigar é unir forças, não dividi-las. Enquanto permanecer essa divisão não tenho como acreditar que o interesse maior é o professor”*, escreveu um/a respondente.

Entre os não-filiados, 70% não conhecem os convênios da Apufsc. Entre os ativos, 36% já utilizaram convênios da Apufsc, taxa mais elevada do que os 22% de aposentados que o fizeram. Em ambos os grupos, a maioria dos filiados nunca usou convênios firmados pelo Sindicato. Dos ativos, 37% concordam com a ideia de adquirir uma sede campestre para a Apufsc, enquanto 27% discordam, 22% não concordam nem discordam e 14% não sabem. Entre os aposentados, a distribuição é muito semelhante (38%, 27%, 23% e 11%, respectivamente).

O último bloco da pesquisa aferiu os hábitos de obtenção de informação, entre 474 respondentes da ativa. Os três canais mais frequentes são o WhatsApp, os contatos com amigos e sites, aplicativos ou portais de jornal ou outro órgão de jornalismo. A notar que 74% utilizam WhatsApp diariamente. Redes sociais têm menor alcance entre os ativos: 76% nunca utilizam Twitter, 74% nunca usam LinkedIn e há taxas elevadas de não-uso também em Instagram (48%) e Facebook (35%). De mídias convencionais, a menos utilizada é o jornal impresso (56% nunca leem), seguida por revistas (41% nessa categoria). Cerca de um terço dos respondentes usam com regularidade TV ou rádio.

O mapeamento dos veículos que são nossas principais fontes de notícias aponta a relevância da Folha de S. Paulo, principal mídia para 52% dos respondentes. Em seguida vêm organizações ligadas à Rede Globo – o portal G1 e o grupo NSC, ambos com 39% de alcance. A partir daí, há notável pulverização de veículos, com destaque para Uol, Diário Catarinense, O Estado de São Paulo e O Globo, com percentuais entre 31% e 14%. Jornais locais e emissoras de TV com alcance estadual repercutem em menos de 10% dos respondentes. 46% dos ativos mencionaram outras mídias, como veículos estrangeiros com atuação no Brasil ou não (El País, BBC, Le Monde, Deutsche Welle, The New York Times, The Guardian), mídias identificadas com o espectro ideológico de esquerda (Brasil 247, Carta Capital, The Intercept, Mídia Ninja, Revista Fórum) ou de direita (Gazeta do Povo, O Antagonista, Jovem Pan).

* * *

Dos 1.640 docentes aposentados/as da UFSC, 57% são homens e 43%, mulheres. As faixas etárias acima de 66 anos são predominantes. Quando ingressaram no trabalho na UFSC, tinham entre 26 e 35 anos de idade. Como entre os ativos, este grupo reside sobretudo na região central de Florianópolis e no entorno da UFSC, têm casa própria, moram com cônjuge e têm plano de saúde. A notar que quase um quarto (22%) mora sozinho, dado que talvez possa suscitar uma ação específica da Apufsc para esse grupo. Cerca de 11% dos

aposentados têm algum tipo de deficiência ou limitação, prevalecendo aquelas que afetam mobilidade e a surdez ou baixa audição.

O perfil dos/as aposentados/as indica que, na comparação com docentes na ativa, com o tempo aumentou (ainda que timidamente) o número de mulheres e de pessoas não-brancas na docência na UFSC. Ao contrário dos/as ativos/as, a geração anterior de docentes tinha pais com menor escolaridade.

Pequena parcela dos aposentados (30%) atua voluntariamente na universidade, o que se refletiu também no menor engajamento desse grupo na pesquisa, com 229 respondentes. Quase 60% afirmam ter interesse em realizar algum outro tipo de trabalho voluntário (exceto na UFSC) e um em cada quatro respondentes têm outra atividade profissional (excetuando-se o trabalho voluntário na universidade). Aposentadoria não corresponde, portanto, a inatividade.

No balanço das atividades mais frequentes no dia a dia dos aposentados, destacam-se afazeres domésticos, entretenimento e lazer em casa, viagens e passeios. Em seguida, vão a bares e restaurantes ou confraternizam com familiares e amigos, ou se envolvem em atividades artísticas e culturais. Têm atividades profissionais com frequência ou muita frequência 41% dos respondentes. A aposentadoria facilitou o engajamento político ou a atuação em trabalho voluntário, que registram percentuais mais elevados que os encontrados na ativa (embora continuem com frequência inferior a 20%).

Convidados/as a apontar atividades sociais, culturais e esportivas de que gostariam de participar, caso promovidas pela Apufsc, os/as respondentes aposentados/as apontaram, em ordem decrescente de importância: passeios e viagens, apresentações de música e teatro e cinema (na faixa dos 40% de interesse); festas e confraternizações e saraus literários (na faixa dos 25%). Um em cada quatro não tem interesse em nenhuma atividade do tipo. Jogos de quadra e de salão receberam menções positivas de número inferior a 10% dos respondentes.

Como no caso de docentes na ativa, quase 80% dos/as aposentados/as realizam atividade física frequentemente. No mapeamento de condições de saúde, 21% afirmam se sentir estressados/as e 27% já foram diagnosticados/as com estresse. Somente 11% receberam diagnósticos de transtornos psicológicos relacionados ao trabalho e 18% com sintomas de LER/DORT.

A Apufsc perguntou aos professores e às professoras na aposentadoria se eles teriam disposição de participar da gravação de duas séries de vídeos – uma sobre a experiência que acumularam na UFSC, outra com palestras (tipo TED) sobre temas relevantes. Em ambos os casos, cerca de 40% dos respondentes se manifestaram positivamente.

Estão sindicalizados na Apufsc 87% dos/as aposentados/as (entre os/as respondentes, a taxa é ainda maior, de 93%). No mapeamento das funções da Apufsc, assim

como entre docentes na ativa, todas as opções foram apontadas como relevantes, com diferenças pouco significativas na ordem de importância. Já nas taxas de satisfação, destaca-se (à diferença dos ativos) a representação jurídica dos filiados, seguida pela defesa dos interesses trabalhistas dos/as docentes e pelas informações que recebem da Apufsc. As taxas de satisfação são menores nas demais funções, mas não há insatisfação significativa em nenhum dos itens pesquisados.

O engajamento dos/as aposentados/as nas atividades da Apufsc também é esporádico. Apenas votam na eleição da diretoria (56%) e outros 23% participam de debates em mídias sociais. Grupos de aproximadamente 20% participam de assembleias, votam e fazem campanha nas eleições para diretoria ou não participam de nada. Os que não participam de assembleias ou debates apontam uma série de motivos, em que se destaca o desinteresse em se envolver (caso de 20%). Para 18%, há excesso de politicagem e/ou de interesses político-partidários nas reuniões. Na faixa dos 15%, as explicações são falta de tempo, falta de estímulo à participação e desmotivação com a Apufsc.

Os padrões de uso dos meios de comunicação da Apufsc são parecidos com os de docentes da ativa. Prevalece o uso do boletim por e-mail Notícias da Semana, seguido do site e do boletim impresso. A página de Facebook, o jornal mural e a lista de discussão por e-mail são os canais menos usados. Atendimento por telefone ou presencial e informativo por WhatsApp são mais usados entre os/as aposentados/as.

Entre os/as não-filiados/as, apesar do número baixo de respondentes (14), destacam-se como causas da desvinculação à Apufsc a falta de interesse (43%), o fato de já ter filiação a outra entidade (29%) e o desconhecimento dos benefícios oferecidos pelo sindicato (14%).

O mapeamento dos hábitos de informação mostra diferenças geracionais importantes entre aposentados/as e ativos/as. O WhatsApp é mesmo o canal mais intenso de conexão com informações, mas é seguido, entre os/as aposentados/as, por site, aplicativo ou portal de jornal ou órgão jornalístico e também por televisão, antes do contato com amigos. Se o uso de redes sociais é pouco frequente nos dois segmentos da categoria, o uso de rádio, revista e jornal impresso é um pouco mais significativo entre os/as aposentados/as.

O mapeamento dos veículos de maior alcance nesse grupo também guarda diferenças em relação a docentes na ativa. A Folha de S. Paulo permanece como a mídia mais importante, mas seu alcance é menor (43%) e próximo do da TV Globo (39%). Em seguida vêm o Diário Catarinense (33%), o Uol (27%), a rádio CBN Diário (25%) e o portal G1 (21%). Emissoras de TV como Record e Band têm alcance superior a 10%. No amplo bloco de outros títulos, surgem também mídias estrangeiras e canais vinculados à esquerda ou à direita.

* * *

Os dados aqui descritos são base relevante para uma série de outros estudos. Apresentaremos a seguir alguns dos desdobramentos já previstos no projeto de pesquisa e que resultarão na produção e publicação de artigos ou outros outputs científicos. Também indicaremos sugestões de estudos complementares.

A comparação entre as pesquisas de 2019 e 2000 é um desafio particularmente relevante. No estudo de 2000, o grupo de docentes era algo diferente: mais masculino, de faixa etária mais elevada e com bastante tempo de trabalho na universidade. Duas décadas depois, há mais mulheres, mais jovens, mais negros e negras e volume significativo de contratações recentes. Depois de um período em que as universidades públicas receberam investimentos e pessoal, a situação política do país tornou-se desfavorável e mesmo hostil a essas instituições, assemelhando-se o cenário ao de 20 anos antes.

Algumas dessas diferenças justificam estudos de segmentos específicos da categoria – para aferir, por exemplo, a ocorrência de situações de desigualdade prejudicando mulheres ou negros e negras. A pesquisa apontou taxas bastante elevadas de assédio moral e de insatisfação quanto ao reconhecimento das competências profissionais. São necessários outros estudos para aferir que grupos da categoria são os mais afetados por isso e quais as causas de ambos os problemas.

A pesquisa também reforça os indícios de precarização do trabalho (relacionados a intensificação da produtividade, alongamento da jornada, deterioração das condições de infraestrutura, ausência de recursos para realização de atividades de ensino, pesquisa, extensão). As políticas do governo federal agravam notadamente o problema, ao somarem corte de investimentos à difamação sistemática da universidade pública, o que cria uma atmosfera de insegurança para docentes, causa provável de índices elevados de estresse ou doenças relacionadas ao trabalho. Um estudo específico, focado na saúde laboral, se coloca como uma recomendação para aferir, com instrumentos quanti e qualitativos, a extensão de um problema que tende a se agravar nos próximos anos, sobretudo se considerarmos a faixa etária predominante entre nossos colegas ativos (dos 30 aos 49 anos temos 56% dos/das docentes).

Isso se soma aos sinais de que a tecnologia tem ajudado a impor por rotina o que Rafael da Cunha Lara (2016; 2018) chama de “trabalho ubíquo”. Ainda que as políticas governamentais fossem positivas (e não são), a atuação na docência é sitiada por demandas de trabalho que chegam a todo momento por WhatsApp, Messenger, e-mail ou SMS. Multifuncionais (ou multitarefas), docentes recebem continuamente novas demandas e

enfrentam, em comum, a dificuldade de organizar seu fluxo de trabalho, seus prazos e a qualidade dos outputs.

Os dados levantados junto a docentes aposentados/as dão indícios da necessidade de se aprofundar estudos sobre terceira idade e condições de saúde e bem-estar, físico e psíquico, nos processos de envelhecimento e na rotina deste público, no contexto de rompimento com a vida profissional. Ainda no que diz respeito a docentes na aposentadoria, os dados da pesquisa sugerem a relevância de estudos sobre as consequências da vida laboral para a fase da vida reservada à aposentadoria e possíveis transformações na identidade destes/as professores/as.

A pesquisa sugere que, sobrecarregados, os/as docentes têm uma vida cultural pobre e pouco diversificada, restrita ao que pode ser alcançado no ambiente doméstico. Mesmo a elite intelectual do país tem seu tempo quase integralmente colonizado pelo trabalho, disperso e fragmentado, o que restringe a produção, a difusão, a recepção de bens culturais – noutras palavras, um empobrecimento da paisagem cultural do país, relacionada às práticas dos intelectuais.

Referências

APUFSC. APUFSC na visão do associado. **Plural**, 11. Florianópolis: Apufsc, 2000, p. 54-80.

BABBIE, E. **The practice of social research**. Boston: Cengage Learning, 2016.

DATAFOLHA. **Temas polêmicos** - PO813983. São Paulo: Datafolha, 2019. Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2019/01/15/9d1a93fe17726819d7088b03c0278862tpo.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2019.

GPSJor - Governança, produção e sustentabilidade para um jornalismo de novo tipo. **Percepções do público sobre consumo, qualidade, credibilidade e sustentabilidade do jornalismo em Joinville**. Florianópolis; Joinville: Universidade Federal de Santa Catarina/Associação Educacional Luterana Bom Jesus-Ielusc, 2017. (Relatório de pesquisa).

IBOPE. **Pesquisa Brasileira de Mídia - 2016**. Brasília: Secom, 2016. Disponível em: http://pesquisademidia.gov.br/files/PBM_2016_rel.pdf. Acesso em: 12 mar. 2019.

LARA, R. C. **Sob o signo de Jano**: Tensionamentos no trabalho docente com uso de tecnologias digitais na pós-graduação stricto sensu. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, 2016

LARA, R. C. **Repercussões do trabalho ubíquo no cotidiano de professores universitários no Brasil**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2018. (Material de qualificação de tese de doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política).

LIMA, S. P.; MICK, J. **Quem são os funcionários do Banco do Brasil?** Perfil sociodemográfico, político e do trabalho (2014). Brasília: Associação Nacional dos Funcionários do Banco do Brasil, 2015 (Relatório de pesquisa).

MICK, J.; AYRES, C.; CARREIRAO, Y.; GIMENES, E.; LUCHMANN, L.; BIELLA, J. B.. **Por dentro das Câmaras**. O perfil de vereadores, servidores e do legislativo municipal de Santa Catarina. 1. ed. Florianópolis: Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 2015. v. 1. 96p.

MICK, J.; LIMA, S. P. **Perfil do jornalista brasileiro**. Características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2013.